



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Leonardo Hasse

A VOZ DA CANTORA BRASILEIRA:
Mulher 80 e a unicidade de um país plural

Florianópolis
2025

Leonardo Hasse

A VOZ DA CANTORA BRASILEIRA:

Mulher 80 e a unicidade de um país plural

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Língua Portuguesa e Literaturas

Orientadora: Profa. Tereza Virginia de Almeida, Dra.

Florianópolis

2025

Hasse, Leonardo

A voz da cantora brasileira : Mulher 80 e a unicidade de um país plural / Leonardo Hasse ; orientador, Tereza Virginia de Almeida, 2025.

62 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua Portuguesa, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. Cantoras. 3. MPB. 4. Mulher 80. 5. Voz. I. de Almeida, Tereza Virginia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

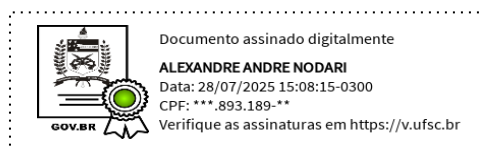
Leonardo Hasse

A VOZ DA CANTORA BRASILEIRA:

Mulher 80 e a unicidade de um país plural

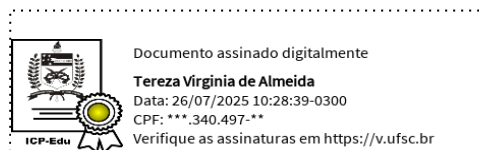
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso Letras – Língua Portuguesa e Literaturas

Florianópolis, 26 de junho de 2025



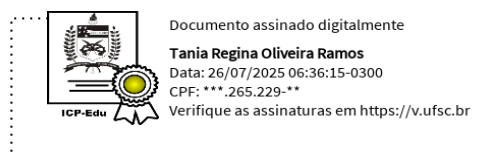
Coordenação do Curso

Banca examinadora



Profa. Tereza Virginia de Almeida, Dra.

Orientadora



Profa. Tânia Regina Oliveira Ramos, Dra.

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Jair Tadeu da Fonseca, Dr.

Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2025

Àqueles em que a música se faz rotina.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem desviado tantas vezes dos próprios caminhos e terem doado tanto de seus tempos para que eu conquistasse minhas vitórias.

À minha irmã, que sempre acreditou em mim, que sempre ouviu minhas preocupações, e que sempre planejou tudo ao meu favor quando eu não sabia que rumo tomar.

Aos meus bons amigos, por emprestarem os seus ouvidos e as suas palavras nos momentos mais necessários, mesmo eu não sabendo que precisava. Por estarem sempre perto de mim, mesmo que não na mesma cidade, estado ou país. Por prestarem atenção. Por serem um dia de sol e céus de brigadeiro em um rigoroso inverno. Por serem quem são.

À minha orientadora, por compartilhar da paixão pela música, e por sua sinceridade e carinho.

Aos meus avós, tios e primos, por moldarem boa parte da minha personalidade, e por sempre se preocuparem comigo.

À Biblioteca Central, que tanto leu e releu esse trabalho junto de mim, e que o viu nascer e se formar.

Ao Leo, que sempre sonhou em orgulhar os pais e a irmã, que sempre se inspirou nessas três tão importantes pessoas, e que sempre – apesar da saudade de casa – agarrou e fincou as unhas na vontade de ensinar ao seu coração a como conquistar o próprio futuro.

“Quando está perto de mim, a sua
gentileza, a sua honestidade, a sua
ternura... me atravessam por completo”
(Akimi Yoshida, 1985)

RESUMO

No seguinte trabalho de conclusão de curso, discorro sobre a vida e a unicidade da voz das participantes do especial *Mulher 80*, bem como o principal antecedente para a sua concepção: a série *Malu Mulher*. Com base na teoria de Adriana Cavarero, dou ênfase em como a subjetividade se equipara com a voz irrepetível de cada uma das intérpretes, ou seja, falo de suas carreiras, suas estéticas e seus impactos na cultura brasileira e, ao reunir pensamentos próprios junto aos relatos documentados por elas mesmas, evidencio como a individualidade de um grupo de pessoas consegue entrelaçar arte e identidade e reconhecimento e impacto.

Palavras-chave: MPB; Unicidade; Voz.

ABSTRACT

In this undergraduate thesis, I discuss the lives and the uniqueness of the voices of the women featured in the television special *Mulher 80*, as well as the main precursor to its conception: the series *Malu Mulher*. Drawing on Adriana Cavarero's theory, I emphasize how subjectivity is intertwined with each singer's unrepeatable voice. I explore their careers, aesthetics, and cultural impact in Brazil, and by combining personal reflections with documented accounts from the artists themselves, I highlight how the individuality of a group of women can weave together art and identity, recognition and influence.

Keywords: BPM; Uniqueness; Voice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 “Sedução”	32
Figura 2 “Pedaços”	32
Figura 3 “Gotas D’Água”	33
Figura 4 “A Todo Vapor”	34
Figura 5 “Cantar”	35
Figura 6 “Profana”	35
Figura 7 “Atrevida”	37
Figura 8 “Crença”	37
Figura 9 “Sozinha”	38
Figura 10 “Nascente”	39
Figura 11 “Joanna”	39
Figura 12 “Tipografias”	40
Figura 13 “Quarteto em Cy”	41
Figura 14 “Som Definitivo”	41
Figura 15 “Quarteto em Cy”	42
Figura 16 “Zezé Motta”	43
Figura 17 “Negritude”	44
Figura 18 “Frágil Força”	44
Figura 19 “Simples Como Fogo”	45
Figura 20 “Olhos Felizes”	46
Figura 21 “Fullgás”	46
Figura 22 “Recital Na Noite Barroco”	47
Figura 23 “Alteza”	48
Figura 24 “A Tua Presença”	48
Figura 25 “Build Up”	49
Figura 26 “Fruto Proibido”	50
Figura 27 “Babilônia”	50
Figura 28 “Viva a Brotolândia”	51
Figura 29 “Elis”	52
Figura 30 “Elis & Tom”	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A ATMOSFERA VERDE-AMARELA	18
3	<i>MALU MULHER</i> E O FEMININO BRASILEIRO	19
3.1	A SÉRIE	19
3.2	A MÚSICA.....	20
4	<i>MULHER 80</i> E A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA	24
5	A ARTISTA AO VIVO E EM CORES.....	31
6	O PENSAR TEÓRICO	53
7	A VOZ	55
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
	REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO

Muito antes de minha experiência solo com a música, esse mundo sonoro fora introduzido pela minha irmã mais velha. Contra as minhas vontades de assistir desenho, ela, ligando a televisão, centralizada no móvel amadeirado recheado de pequenas esculturas de porcelana, porta-retratos e CDs, colocava no canal em que passavam incessantes clipes musicais, no qual o apresentador ocasionalmente lia as estrofes e explicava o método de criação, seja dos clipes, seja da música aos quais os artistas seguiram para obter o produto final. Assim, quase todos os dias chegando da escola a televisão era ligada, e então os inúmeros clipes começavam a passar na tela, e conversávamos incessantemente sobre os conceitos, sobre as novidades, sobre as letras. Depois de anos, devido à falta de tempo conjunto e pela diferença de idade que – mesmo permanecendo a mesma – nos distanciava, o ritual ficou em memória.

Atrelando a convivência em sala de estar com minha irmã com o fato de ser uma criança muito curiosa e muito bisbilhoteira, fiquei fascinado, também, com a ideia de mídias físicas – vinil, cassete, CD, etc. –, porque descobri que nelas havia artes, estilizações e os créditos de todos os sons e composições presentes no trabalho. A partir desse transbordar de informações, comecei a colecioná-las. Um mundo que se abria ao mesmo passo em que a curiosidade aumentava, em que a necessidade de descobrir movia a vontade de ter. Depois da aula, visitava o sebo da cidade sempre que podia. Mergulhando nessa extensão do artista, e entendendo melhor a forma com que eles compartilhavam suas obras com o público, pude encontrar outro mundo de aconchego para servir como escapatória, como um lugar seguro. Dessa forma, os momentos com minha irmã respingaram, e respingam, em minhas expedições pelas prateleiras em busca de projetos faltantes para a crescente coleção.

Mulheres imponentes, em pedestais, e “inalcançáveis” me captavam, em um sentido de olhá-las pela televisão e ficar hipnotizado pela presença marcante, seja pelo figurino, seja pelos penteados, ou um amálgama dos dois, e muito mais. Essa romantização delas por mim me trazia felicidade. Exemplo disso foi o impacto que o clipe ‘Erva Venenosa’, de Rita Lee, causou ao meu eu criança, em que das suas várias trocas de persona, aos vários métodos em que a “vilã” se desfazia da antecessora tornava-se cada vez mais mirabolante. Depois da influência dele em mim, busquei entender mais sobre as origens da cantora, encontrando, por acaso, um especial que

trouxera tantas outras lendas da música popular brasileira, o *Mulher 80*. Desde aí me encantei pelas vozes que deram o nome do especial.

Avançados os anos, enriqueci minha mente com os feitos das famosas cantoras, muito devendo-se ao *Youtube*. Entrevistas, shows e programas são alguns dos exemplos que encontrei ao vasculhar a biblioteca de vídeos quase que infinita. Lembro-me de assistir pela primeira vez Fafá de Belém apresentando ‘Ave Maria’, no Maracanã, para o Papa João Paulo II, em que, vestida de amarelo e véu, entra no Arcadismo da letra que canta, e, num ato de impulso, quebra protocolos e o abraça, culminando num momento de iconicidade inédita. Repetiu, com outras músicas, para mais dois Papas. Imaginei-me muitas vezes em momentos como esse, em momentos performáticos em que a multidão te ovaciona, em que se tem a certeza da magnitude que aquilo que foi criado por ti tocou os corações daqueles que te acompanham. Fama e sucesso são consequências que não andam de mãos dadas, inclusive, e nunca tive uma vontade excruciante de tê-las em uma escala global, por exemplo. Ser reconhecido por alguns como o menino que ganhou um concurso literário no 9º ano já me parecia muita coisa.

Voltando para o móvel tão sempre presente em minha sala de estar – hoje realocado para a casa de minha avó paterna – que ainda vive muito em meu sentimento, porque ele, como disse, adornava lembranças, memórias e cultura, seja elas nos tantos CDs empilhados, seja nos objetos carregados de afeto. Era inegável a presença daquela mobília, todos a olhavam mais pela televisão, que tomava muito do espaço que ele provia, e mesmo assim gerava conversa e curiosidade pelos objetos contidos ali. Falo dele com tanta estima pelo fato de que me perdia vislumbrando cada canto, cada gaveta e nicho, por vezes empoeirado em determinadas partes proibidas de se mexer, tais partes abrigando objetos de casamento de meus pais e copos não utilizados com a crença de que não poderiam ser danificados. E então inspecionava a grande mobília de madeira, sabia onde estava o que, curava como se fosse um grande museu. Comparo esse móvel com a minha jornada pelos terrenos sinuosos da música, seja brasileira, seja popular, mas sempre música.

O tempo que usei para pensar na música criada por aquelas pessoas, nos arranjos, nos tons das vozes, e, inevitavelmente, comparando-os uns aos outros, como quem compara essências em uma perfumaria, já não mais me pertence. Sendo clariceano, quando começo a questionar as minhas tão concretas certezas, percebo

ali, como que numa rachadura, a abertura de sempre permitir-me aprender. Digo isso por conta das vezes em que mudei de opinião sobre artistas, sobre o que eles propõem, e não propõem, sobre as vertentes das carreiras e trilhas de cada um, sobre o conceito introduzido a mim por um antigo professor de que se tudo se equivale, então nada mais resta a pensar.

Faço paralelos da fonografia brasileira com a de minha excêntrica avó materna cantarolando enquanto rega seus antúrios, suas dezenas de orquídeas tão parecidas, tão extremamente diferentes. Em cheiro, em cor, em tamanho. Os assobios enquanto usa a Singer no quarto de costura, os retalhos lentamente se fazendo aos montes pelo chão, os tecidos transformando-se em blusas, vestidos. Anos depois, em máscaras. As toalhas das mesas, dos criados-mudos, os tapetes. Um mesmo material tão maleável, um mesmo material que se torna outras mil peças. Mesmo assim, em essência, tendo a mesma origem: modos distintos de florescer em arte.

Minha avó paterna, por outro lado, é quieta e recolhida, sempre tratando dos afazeres em silêncio. Isolada em um terreno composto por casa e rancho, rodeados por muitas árvores, cujos troncos são preenchidos por olhos-de-boneca das mais diferenciadas cores, bem como várias outras flores que adornam os vários quintais, ela vive tranquila com seus muitos animais. Um objeto em seu lar sempre me chamou a atenção: a vitrola de chão. Nunca tive a oportunidade de propriamente vê-la funcionando, apenas admirava o seu cantinho empoeirado no ambiente que já não serve mais como hall de entrada. O objeto pelo objeto. Nem discos de vinil existiram na casa, e os que existiriam provavelmente seriam de bandas locais, danças gaúchas e de vanerão.

Meu primo, o mais velho dos seis, é o virtuoso entre nós. Toca, canta e compõe. Por várias vezes simultaneamente. Violão, banjo, guitarra e gaita de boca são os instrumentos que mais marcaram minha memória quando visitava sua casa. Dos momentos dele tocando em seu quarto aos de quando a casa toda conseguia ouvi-lo a plenos pulmões no banheiro. O que eu mais achava incrível era a habilidade dele em criar melodias e músicas em tão pouco tempo, porque acreditava que canções deveriam demorar muito mais tempo para serem concebidas do que o tempo que ele levava. Somos muito diferentes na maioria dos aspectos, sendo a música o que nos aproxima, principalmente no que diz respeito ao amor por colecionar mídias físicas, apesar da disparidade, também, nos gostos musicais.

Esse apego que tenho pela minha família fez nascer em mim um melhor entendimento sobre a vida e as pessoas, às vezes advindos de broncas, às vezes durante um momento culinário despretensioso. Tudo se voltava às cozinhas em minha família, inclusive. Aniversários celebrados quase todos os meses do ano. Em tempos pascais, as pegadas feitas de farinha em direção ao esconderijo das fartas cestas de chocolate. Nas épocas festivas de final de ano, algum CD natalino tocando baixinho ao fundo e o cheiro de comida pelos cômodos, esses sempre decorados com bibelôs de papais Noel, bonecos de neve, renas e mini árvores, tudo bastante importado de costumes exteriores, mas que acendem o espírito festivo. Especiais da TV aberta com orquestras de corda e sopro reproduzindo clássicos dessa data específica. Tudo atrelado e fixado em minha memória. Foram por esses e outros momentos em que a vontade de querer tocar violino nasceu.

No início da década passada, pedi aos meus pais que me levassem para conhecer uma escola de música. Passei anos estudando e praticando naquele ambiente, até, infelizmente, o seu fechamento. Aprendi o essencial para compreender o instrumento, desde como segurá-lo até como ler partituras. Comparo lê-las a aprender uma língua completamente nova, uma língua que tem variações linguísticas de instrumento para instrumento. Minha professora sugeriu que eu continuasse os estudos em sua casa depois do fechamento, e apesar de ser longe de onde a escola ficava, minha mãe me levava até lá uma vez por semana, toda semana. Um tempo depois, parei de frequentar sua casa, ficando meses sem ter aulas, apenas praticando de vez em quando em meu quarto.

Tempos depois, encontramos um maestro multi-instrumentista perto do meu colégio, e ele, hoje falecido, passou a ser meu professor. Seus ensinamentos e acolhimento me fizeram aprender lições valiosas sobre a relação do movimento do corpo com a música. Instrumento e pessoa sendo um só. Ele quem me introduziu ao mundo de orquestras e apresentações, apesar de tê-lo detestado, por ser introvertido e não gostar do conceito de perfeição. Por ser um ambiente bastante competitivo também me amedrontou. Com o passar dos anos parei de ter aulas e praticar, e mesmo assim guardo tudo na memória com carinho. A última vez em que toquei para um público de mais de quatro pessoas fora nas bodas de ouro dos meus avós, há oito anos. Apresentei a música tão rápido e tão apressado que muitos nem me ouviram de fato, tanto pelo volume sempre alto da conversa entre eles, tanto por estar

desesperado para terminar e passar despercebido por todos. Não toquei uma segunda vez, então quem conseguiu ouvir, ouviu. Não toquei bem.

Passeando pelas artes, o costume pela leitura, suavemente introduzido por minha mãe, foi um fator importantíssimo para meus passeios aos terrenos criativos da mente, desaguando, assim, na curiosidade do conteúdo dos encartes dentro dos CDs, dentre diversos outros nichos. Sua idealização até a impressão. Toda a arte que enfeita a música com uma imagética singular. Discografias que se complementam a cada lançamento, tornando poesia em canto, mas não necessariamente ditando os cenários que o ouvinte cria em seu imaginário, enquanto desfruta do material. Lembro de ouvir o álbum “[Honeymoon](#)”, da americana Lana Del Rey, e enxergar bosques de buganvílias em tempos primaveris, lagos enfeitados com cisnes e as mais coloridas vitórias-régias, ventos suaves aos meus cabelos loiros e um céu de brigadeiro surreal, para, então, na segunda metade do álbum, tornar-se uma madrugada tempestuosa e soturna e infestada de olhos ferozes à espreita de avançar na garganta de quem respirasse alto demais, por exemplo. Das melodias às composições, dos paralelos com a minha vida aos momentos de acalento introspectivo que me proporcionou. Não tenho medo de ser melancólico, e isso não significa que sempre sou, é só que prefiro músicas com tempos fracos de batidas. Viveria tranquilamente em ‘Venha Ver o Pôr do Sol’ – o famoso conto de Lygia Fagundes Telles –, não literalmente, mas como se fosse um afago amigo.

Até quando tinha mais ou menos quinze anos de idade íamos à missa todo domingo. Minhas mãe e avó eram engajadas na organização da maioria dos eventos e celebrações que aconteciam, por isso a assiduidade. Além de, lógico, a devoção pela religião. Comecei a ter ciência do que estava acontecendo naquele ambiente depois de tempos de somente assimilar, sem de fato perceber o lugar que me cercava. Estatuetas, imagens, murais... Uma certa melancolia e um sentimento de solidão, ironicamente. Parei de frequentar quando crismei, enfim. Do que quero mesmo falar é da música que acontecia naquele espaço, na igreja. Havia um livro de cantos e nele estavam todas as letras das canções que eram selecionadas a priori da missa começar, em um papel impresso. O público – eu também – cantava em conjunto cada uma delas. Às vezes com palmas, às vezes com estalos de dedos, era realmente bonito estar presente e ouvir. Lembro de algumas estrofes delas, e eram como histórias. “É como a chuva que lava / É como o fogo que arrasa”, e “Pelos prados e campinas verdejantes, eu vou / Junto às fontes de águas puras, repousantes, eu vou” são

algumas das que se fixaram em minha memória e não foram esquecidas, por exemplo. Esse conteúdo bastante bucólico me guia por algumas de minhas criações pessoais. Tenho por fato que a natureza, no canto dos pássaros, nos sons diurnos e noturnos, por vezes indecifráveis, nas folhas esvoaçantes das árvores, tem um papel fundamental para aguçar os ouvidos, tem papel concreto nas minhas inspirações para os mais diversos campos de estudo, no lazer e nas relações interpessoais que cultivo.

Os múltiplos caminhos que cada artista teve que traçar para tornarem-se adorno no grandioso móvel da MPB me inquieta, como se um enorme efeito-borboleta tivesse namorado seus acasos em encontros já premeditados pelo universo. Uns deles podem ser mais empoeirados ou trincados ou reluzentes ou polidos que outros, mas nunca substituídos. E, por mim e por fim, para dar sequência ao que essa introdução trouxe ao trabalho, adapto o que Fafá de Belém tanto cantou: “rebusco fundo nas minhas memórias, para trazer a ti pedaços da minha história”.

Dessa forma, nesse trabalho de conclusão de curso, exploro o especial *Mulher 80*, que reuniu algumas das diversas figuras femininas que marcaram a MPB, e um de seus antecedentes, a série *Malu Mulher*. Através da análise dessas mídias, discuto como *Malu Mulher* – referida durante o trabalho como série –, ao abordar questões de gênero e feminismo no cotidiano da época, pavimentou o caminho para que o *Mulher 80* – referido como especial – fosse idealizado, concebido e fixado na cultura brasileira.

Além disso, ao longo do trabalho me aprofundo, também, nas biografias das cantoras que compuseram o especial – e nas de algumas de muitas que ficaram de fora –, e como as suas trajetórias – ora tempestuosas, ora ensolaradas – pessoais e profissionais serviram de munição contra o clima ditatorial que assolava o país, e como o especial não atingiu uma totalidade por conta da falta de artistas importantes da época. Abordo como o autoritarismo vigente, ao impor restrições à liberdade de expressão, ricocheteou em resistência cultural, impulsionando a música e a televisão, dentre outras mídias, como formas de protesto e afirmação identitária. Assim, argumento como a exacerbada censura contribuiu para que a força dessas produções que, ao passo que se tornavam veículos de resistência e empoderamento, desbravavam as terras das narrativas e representações do feminino. Por meio do dito, evidencio a solidificação de *Malu Mulher* e *Mulher 80*, além de artes midiáticas, como fenômenos culturais que impactaram o pensar coletivo – preconceituoso, limitado, abrangente, mutável – em relação ao papel da mulher brasileira nos muitos campos

de interação, culminando na relevância da voz feminina em um contexto historicamente tirano.

Discuto como as interpretações e apresentações dessas cantoras não foram apenas artísticas, mas, também, atos de resistência que ressoavam em uma luta em uníssono por visibilidade e liberdade. Elenco a personalidade de suas músicas interpretadas, que frequentemente abordavam questões íntimas e sociais, culminando em uma aproximação de quem canta com quem ouve, tornando suas vozes instrumentos de protesto ao passo que refletem paralelos emocionais de quem consome com as experiências próprias. Além disso, trago as discografias das artistas participantes da cena nesse período – Elis Regina, Gal Costa, Maria Bethânia... –, os encartes que enfeitam as músicas, bem como as colaborações entre si. Aprofundo-me em seus shows, filosofias e entrevistas em que revelavam suas lutas tanto individuais, tanto políticas, e suas tão reconhecíveis vozes singulares. Evidencio o legado – e influência – que cada uma dessas artistas deixou para a cultura brasileira, e, também, o daquelas que ainda, contemporaneamente, o constroem.

2. A ATMOSFERA VERDE-AMARELA

Antes de adentrar aos temas que compõem os capítulos que seguem é necessário contextualizar historicamente o cenário do país. O regime militar assolava o Brasil, e por isso uma série de medidas foram implementadas para controlar todos os setores sociais, sendo um dos principais o de produção cultural. Tentando ao máximo silenciar críticas ao governo e restringir a liberdade de expressão, o governo instaurou um sistema de censura rigoroso, o que acabou por afetar profundamente as mídias artísticas.

Usando da violência institucional, como prisões arbitrárias, torturas e desaparecimentos forçados, para silenciar opositores, a censura atingia jornais, livros, músicas e peças teatrais, limitando o debate público, ou seja, a insatisfação popular crescia diante dessa repressão. Assim, movimentos sociais e sindicais surgiram, como o Diretas Já, e os brasileiros começavam a se organizar para exigir um país democrático. A pressão popular foi decisiva para uma abertura política; para que o povo voltasse a ser soberano; para que houvesse pluralidade novamente.

Os compositores e cantores eram monitorados de perto, por exemplo. As letras de suas canções eram minuciosamente recortadas, resultado da proibição não só de temáticas sociopolíticas, mas, por vezes, morais. Artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil, que se tornaram símbolos de resistência cultural, enfrentaram perseguição e, por consequência, exílio. Os artistas da época utilizavam muitos artifícios literários para que pudessem passar mensagens subliminares de oposição em seus trabalhos.

A partir dessa contextualização sigo para falar da série e do programa, e como as mulheres que os compuseram conseguiram harmonizar entre si um canto contra a censura em favor da arte e liberdade de expressão feminista.

3. MALU MULHER E O FEMININO BRASILEIRO

Não se fala de *Mulher 80* sem que se cite *Malu Mulher*, e não se fala de ambos sem que se evidencie Regina Duarte. Habilidosa e outrora consagrada atriz, conquistou o título de “namoradinha do Brasil” por conta de seus papéis de boa moça: recatadas, quietas, domesticadas. Essa linha se quebra – ou se atenua – ao viver Malu. A real e a fictícia tinham muitos paralelos – traço que muitos atores tinham com suas personagens na série, justamente por ideia do diretor –, e isso ressoava na sociedade da época em meio ao clima ditatorial estabelecido. Mesmo sendo uma celebrada artista por seus papéis disruptivos, a atriz apoiou ao ex-presidente Jair Bolsonaro – que depois a nomeou como secretária especial da Cultura – nas eleições de 2018. Ou seja, por suas opiniões políticas contradizerem sua carreira: ser artista e apoiar o conservadorismo; performar mulheres tão politizadas em tempos de censura e endossar esse pensamento para as classes, ao passo em que fora dos roteiros e telas interpreta um papel tão discrepante daqueles em que atuava. Uma ótima atriz.

Falo da série com enfoque nos caminhos que seguiu para que o especial *Mulher 80* ganhasse vida. Contextualizo e problematizo.

3.1 A SÉRIE

Iniciando dia 24 de maio às 22h de uma quinta-feira, no ano de 1979, e terminando em 22 de dezembro de 1980, *Malu Mulher* centra a vida conturbada de uma personagem passando por um divórcio, a criação de uma filha e as relações interpessoais com sua família e amigos. Regina Duarte interpreta o papel principal, Maria Lúcia Fonseca, uma socióloga que anseia uma vida melhor para sua filha e, também, para si. Assim, ao longo de quase cinquenta episódios, divididos em duas temporadas, a trama se debruça sobre questões de gênero, feminismo – que se evidenciava cada vez mais –, e emancipação, algo inédito para a emissora Globo que, até então, não tratava desses assuntos tão abertamente. Usando da teatralidade para o fazer pensar do público, criou-se uma sensibilidade e pensar crítico do atuado ao vivido.

O sutil detalhe do horário em que a série era televisionada atingia mais às classes médias para cima do que as outras, o que aproximava esse público da atmosfera idealizada: Malu também era da classe média; Malu experienciava o que o espectador – em tese – também experienciava; Malu passava pelo tabu das mulheres

“desquitadas”; Malu tinha uma carreira, uma profissão. Os cenários – sua casa, ambientes frequentados – também eram fatores que acrescentavam nessa aproximação com as classes mencionadas, eles sendo decorados para que refletissem os valores e o estilo de vida desse público, não apenas enfeitando a narrativa, mas contribuindo para o engajamento com a trama.

Voltando para a série em si, já no primeiro episódio Malu dá o ultimato de separação ao seu marido, Pedro Henrique (Dennis Carvalho), por causa das intensas discussões, brigas, e inseguranças que transbordavam a relação já desgastada. A partir desse momento o desenrolar da série se dá pela mudança drástica de vida em que a personagem principal se encontra. O segundo episódio retrata como Malu precisa lidar – sozinha – com as contas, o trabalho, seja ele fora de casa, seja ele dentro dela, e dar atenção para a criação de sua filha, Elisa (Narjara Turetta). O papel engessado da mulher no lar era criticado pela série, justamente por mostrar que a mulher, mesmo que trabalhasse fora de casa, que tivesse uma profissão, ainda assim tinha que comandar o que acontecia dentro de casa. As tarefas domésticas, claro, e não as “questões de homem”. Malu quer ensinar Elisa a ser independente, ser desprendida do tão evidente sistema há tempos vigente. Por isso, o discurso feminista começa a ganhar mais e mais força, e o recebimento de tal tema pelos órgãos de censura foi repressivo, mas não impediu o fato de que houve um furo na bolha daquele tabu.

3.2 A MÚSICA

É Simone – cantora famosa por suas interpretações românticas – quem performa o tema de abertura da série, “[Começar de novo](#)”. A música, composta por Ivan Lins e Vítor Martins, foi concebida exclusivamente para *Malu Mulher*, e é nela – em sua letra – que há uma resplandescência do que o seriado retrata. Ao passo que o dedilhar no piano e a voz de Simone se intensificam, é narrada uma grande briga entre duas pessoas: machucar, virar a mesa, o barco. Tentar fugir: das garras, das escoras, do domínio, das esporas. Tentar viver sem ser atrelada ao homem que tanto fez mal, acordar para um novo dia em que não exista mais essa agressividade, verdadeiramente começar de novo. Fazer o rebelar e a liberdade e o sofrido valerem a pena. Ressignificar sua tragédia.

A trilha sonora é interpretada apenas por mulheres, sendo elas, por ordem da lista de faixas: Simone, Elis Regina, Rita Lee, Maria Bethânia, Fafá de Belém, Joanna,

Gal Costa, Maysa, Marina Lima, Zezé Motta, e o Quarteto em Cy. Dentre todas as artistas mencionadas, a única que não faz parte do *Mulher 80* – em que as músicas da série são interpretadas, bem como algumas mais – é Maysa, justamente por conta de já ter falecido.

O conteúdo das outras músicas tem, também, temáticas que vão de submissão – “[Que me venha esse homem](#)” – ao melancólico – “[Seu corpo](#)” – ao completo desejo de emancipação – “[Começar de novo](#)”.

Além da já comentada “[Começar de novo](#)”, de Simone, a canção que segue na faixa de músicas é “[O bêbado e a equilibrista](#)”¹, interpretada por Elis Regina. A letra da música retrata o viver conturbado de alguém cujo rumo está perdido, alguém em quem não reside a felicidade. Embora um dos motivos de sua idealização ter sido o falecimento de Charles Chaplin, ela encaixa no enredo da série quando cria imagens de dor e sofrimento ao que a personagem Malu enfrenta, e, ao mesmo tempo, traz a esperança do que está por vir, porque o show tem que continuar independentemente se o que ocorreu tenha sido avassalador. Rita Lee – em composição autoral, junto de seu tão sempre presente Roberto de Carvalho – segue interpretando “[Mania de você](#)”. A música descreve um amor em que as duas pessoas se entregam aos seus mais profundos desejos, os seus mais calorosos interesses. Desbravando metáforas e analogias, o arranjo, rico em flautas e pianos e violões, imerge o ouvinte numa ambientação de aconchego, de intensidade. Ela estar disposta logo depois da interpretação de Elis segue a linha de uma mensagem de esperança, de encontrar um amor, seja ele em outro, seja em si mesmo. Maria Bethânia parte para cantar “[Álibi](#)”, composta por Djavan, e a atmosfera de desejos e incertezas expande, num sentido de que há vontades e sentimentos, ainda, por aquele em quem se confiava, aquele em quem havia um amor grandioso, e agora só há uma fachada que representa o que já não existe mais. Não sacia mais. Malu e seu marido enfrentam o fim de seu casamento, precisam passar pela fase da separação com sensações não antes sentidas. Fafá de Belém é a próxima na ordem das faixas, interpretando “[Que me venha esse homem](#)”; a canção – originalmente um poema da atriz e escritora Bruna Lombardi – está atrelada ao voto de devoção da mulher em relação ao seu salvador,

¹ A canção foi considerada um hino informal da anistia no Brasil, em tempos ditatoriais, principalmente pelas metáforas presentes em sua letra: “Meu Brasil que sonha / Com a volta do irmão do Henfil / Com tanta gente que partiu / Num rabo de foguete / Chora a nossa / Pátria, mãe gentil / Choram Marias e Clarices / No solo do Brasil”. A gravação, então, entoia o sofrimento do povo brasileiro diante da repressão, braveja sua esperança por liberdade e busca justiça pelos tantos inocentes exilados.

ao seu homem. Assim, Fafá canta como se estivesse afundando em um oceano de melancolia ao passo em que a letra nebulosa toma conta do imaginário do ouvinte, funcionando como referência aos processos – tanto de avanço, tanto de retrocesso – de superação em que a protagonista se encontra. As músicas elencadas nesse parágrafo compõem o lado A do LP.

“[Seu corpo](#)”, escrita por Roberto e Erasmo Carlos, inicia o lado B na voz de Joanna. Piano e voz tornam a balada íntima aos ouvidos, e a composição enfeita o som com silhuetas paisagísticas e descrições ternas de amor e entrega. A letra da música não é alterada para o feminino, ela é interpretada como se Joanna estivesse cantando para outra mulher. O verso “E só me encontro se me perco em seu corpo” sumariza por completo a sensação de conseguir enxergar depois de há muito largado ao breu. Gal Costa interpreta “[Paula e Beбето](#)”, de Caetano e Milton, com tamanha alegria e entusiasmo que parece destoar do repertório do álbum. Destoa, sim, e destaca uma mensagem sutil. Não tão despercebida, mas sutil. É dito na letra da música que “Qualquer maneira de amor vale a pena”, ou seja, esse pequeno verso abarca uma imensidão de possibilidades interpretativas, e a possibilidade que mais me toca é a de que o amor não enxerga gênero. A repetição de palavras não é maçante, pelo contrário, ela faz o ouvinte fixar na mente os tantos significados particulares que cada um absorve dali. A música – bem como a série – aguça as pluralidades individuais e, por consequência, instiga o ato de indagar, não de se equivaler. Maysa – a única já falecida quando o disco foi lançado – é a próxima, cantando “[Dois meninos](#)”. No início há um instrumental que soa como a música “Cai, Cai, Balão”, remetendo ao tema de duas crianças que brincam, que brigam e fazem as pazes sem dizer, que entendem a saudade, mas que não sabem o que fazer com o sentimento. A canção ressoa com a sensação de fins, de términos, demonstrada pela série. Novos caminhos a serem seguidos, e a tristeza de ter que deixar para trás aquele há tanto já decorado, podado... Marina Lima interpreta “[Não há cabeça](#)”, composta inteiramente por Angela Rô-Rô, com uma certa melancolia mal identificada, num sentido de que parece que a cantora canta longe do microfone, canta de forma etérea, mas que canta com raiva e angústia. O instrumental da canção combina com essa incerteza sentimental ao passo em que o ouvinte constrói a imagem de “Prefiro ficar só com minha ilusão que matar a esperança / De amar no meu coração”, ou seja, a necessidade de querer ter e ficar no marasmo de não saber se conseguirá suprir a de realmente saber e se magoar com a resposta. “[Pecado original](#)”, cantada por Zezé

Motta, faz referência ao fabular de Adão e Eva: maçãs, cobras, desejos... Há até o barulho do chacoalhar de uma cascavel. Zezé se entrega ao tema de que o homem busca por matar sua fome insaciável na carne de sua mulher. As bestialidades homem e lobisomem, do céu ao inferno. A alusão final é de que nunca se sabe de fato o que uma mulher quer, propondo-se que a música é cantada da perspectiva masculina. Por fim, as mulheres do Quarteto em Cy cantam "[Feminina](#)", composta pela cantora Joyce. A interpretação alude ao mito grego do fio da vida, o fio de cabelo. As quatro irmãs, em uníssono, terminam o disco em uma nota alegre e esperançosa de que aos fins sempre se retornam aos começos, o ciclo da vida, o eterno. Se ainda não deu certo, ainda não acabou. Além de visibilizar a feminilidade e o feminino, o orgulho de ser mulher. Assim como na série, sempre há uma fagulha de esperança que segue para labaredas de justiça, culminando em um incêndio de emancipação.

4. MULHER 80 E A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

O especial *Mulher 80* estreou em 19 de outubro de 1979, alguns meses após o início da série, e trouxe as personalidades que compuseram a trilha sonora da série, bem como algumas atrizes. As duas mídias andam de mão dadas, e creio que dizer que *Malu Mulher* é a irmã mais velha entre as duas se faz correto. A ambientação do especial é um teatro, mais precisamente com cenários distintos para cada uma das interpretações performadas, e tudo isso permeado por segmentos de conversa e descontração das artistas entre si, seja por intermédio de Regina Duarte, ou não.

O especial começa com Regina chegando ao estúdio/teatro, com seu jeito clássico de andar, e cumprimentando os colegas que ajudaram na construção do *Mulher 80*. A cena seguinte mostra todas as integrantes em um momento de saudações e ensaio da música final, “[Cantoras de rádio](#)”, de forma cotidiana, leve. Cada uma aos seus estilos.

Regina Duarte faz um monólogo sobre a liberdade do feminino, os problemas da mulher na sociedade da época, visibilizando *Malu Mulher*, discorrendo sobre como a série é apenas o começo. Autores, compositores, cantores, poetas, são quem fazem o programa acontecer, são eles quem canalizam memórias em arte.

Há uma pequena introdução de cada uma das artistas em que elas falam um pouco de si por poucos segundos, e a ordem desses relatos é a mesma das performances que compõem o que se segue no especial. Esse bloco termina com Regina enfatizando que, apesar de artistas e, por vezes, *personas*, são pessoas reais, com problemas reais, e com particularidades e desejos e ambições, e, então, pede para que elas digam o primeiro nome que vier em mente: Zezé, seu pai; Elis, Milton Nascimento; Fafá, Raul Seixas; Joanna, ela mesma; Narjara, Daniel Filho; Marina, Stevie Wonder; Gal, sua mãe; Rita, seu tão amado Roberto, e Simone, Fidel Castro. A introdução do programa acaba com um take delas se organizando para a música final. É importante destacar que a disposição das músicas do LP, da série, é diferente das do especial. Apenas Elis canta duas músicas, “[Maria Maria](#)” e “[O bêbado e a equilibrista](#)”, em vez de somente uma como na trilha, e apenas Simone está na mesma posição.

O ponta pé musical inicial se dá, então, com Simone interpretando “[Começar de novo](#)” sentada em uma banquetta, apenas com um microfone e uma voz ímpar. A simplicidade da performance – ao fundo em uma tela reproduções da série *Malu*

Mulher – traz um intimismo para o espectador, uma conversa direta e sincera, e a presença de uma certa melancolia, mas com a força de uma voz treinada ao máximo, apresenta o tom da letra. Ela performa sorrindo, se balançando sentada na banquetta – não se levanta –, e termina esperançosa de que num futuro as vozes das mulheres sejam levadas em consideração.

Regina introduz uma conversa com Gal Costa e Simone – individuais – sobre mulheres desquitadas, e ter muitos filhos na década de 1970, evidenciando que era comum ter a ideia de que homem pensa e mulher sente, mas que hoje em dia – na época, ela quer dizer – as mulheres têm sim todo o direito de expressar suas opiniões. Gal relata que naquela época, na Bahia, era complicado ser uma mulher desquitada, era difícil criar muitos filhos – que era o caso da mãe de Gal, e segundo ela, sua mãe sofreu as consequências da realidade daquela época. Ela destaca a sua fé como fator importantíssimo em sua vida, em sua carreira, como uma energia que guia seus sentimentos e sua arte através do canto, e que ter alguma crença é essencial para seguir com a vida. Ela confessa que gostaria de ter uma mulher; dá uma pequena pausa, e rapidamente esclarece: como primeira filha. Simone conta que sua mãe além de sustentar ela e seus irmãos, precisava cuidar de seu marido. Ela diz que não dá ponto sem nó, ela mergulha de cabeça em prol de seus ideais – menciona que parou de alisar os cabelos, deu ênfase em seu icônico “penteado Simone” –, além disso destaca que os homens, ao interagirem com uma mulher independente – ela diz uma mulher grande –, têm receio em se relacionar, justamente por essa inversão de valores tão engessada naquela época. A menstruação é o tópico seguinte de sua fala, e lança o desejo de que os homens deveriam experienciar esse fato natural pelo menos uma vez ao ano, num sentido de que as mulheres, além de sofrerem com o sistema em que estão inseridas, precisam lidar – e aceitar esse desregular do organismo – com a menstruação mensal enquanto vivem o cotidiano com esse fato invisibilizado pela grande maioria.

Gal Costa apresenta “[Paula e Beбето](#)”, dançando freneticamente de um lado para o outro do palco, acompanhada de sua banda. Avivando a performance, trajada de dourado, usa um vestido até o chão com uma grande fenda na parte da frente, barriga a mostra. Cabelos soltos, saltos altos e lábios vermelhos. Essa apresentação é que mais energiza o programa, destoando da maioria das músicas em que a atmosfera é de lentidão, de melancolia, porque a personalidade de Gal reverbera quando está com o microfone em sua mão.

A performance termina e Regina pergunta para elas uma cidade: Zezé, Rio de Janeiro; Elis, São Paulo; Bethânia, Rio; Narjara, Londres; Joanna, Nova Iguaçu; Marina, Rio; Simone, Salvador; Rita, São Paulo; Gal, Salvador, e Fafá, Belém. A câmera corta para Fafá, em uma rede, revelando – com uma entonação embaralhada, rápida – como foi a recepção de sua música – ela ficando em número um nas paradas da época – para a novela *Gabriela*, de como as pessoas estavam curiosas para saber mais sobre a cantora até então desconhecida pela maioria, e ao ouvir sua música dentro de táxi entrou em euforia. Agora é a vez dela se apresentar.

Fafá de Belém canta “[Que me venha esse homem](#)” enquanto está debruçada sobre uma cadeira de balanço em um cenário rodeado de plantas, uma rede e uma pequena penteadeira. Alusões ao ato de ninar, a luz por vezes sombreando seus olhos, deixando-a com uma expressão um tanto desconcertante, porém sedutora. Ela se contorce durante toda a performance de um jeito em que é possível perceber sua devoção ao entoar a canção, e, assim, emite vocais profundos, um tanto roucos, mas, sempre, ternos e poderosos. A atmosfera criada por sua voz seguiu o caminho do sentimento romântico, sendo essa uma de suas prediletas; outra sendo carregada por uma energia forte, certa, como quando performa “[Vermelho](#)”, de seu álbum “[Pássaro sonhador](#)”, por exemplo.

Há um corte direto para a apresentação de Joanna. Sem comentário.

Joanna, violão e voz, canta “[Seu corpo](#)”, cruamente, em um cenário escuro com um grande – e lento – close-up em direção ao seu rosto. Ao som de uma melodia calma, Joanna entoa a canção com um ar suave, como quando o vento gentilmente afaga as folhas de uma árvore em dia de primavera, como quando ele esvoaça os cabelos soltos da cantora, o que quero dizer é que essa performance toca no fundo de um sentimento por vezes descoberto ali, pela primeira vez. Ao terminar, o close em seu rosto demonstra a emoção passada para essa apresentação. Um tom melancólico.

A performance acaba e Regina volta a fazer um comentário entre apresentações. Ela faz referência ao tema de abertura da série “[Começar de novo](#)”, porque faz paralelos de que é difícil para as mulheres começarem uma profissão, uma vida, um amor, e reitera que mesmo assim elas estão se impondo cada vez mais cedo, introduzindo uma entrevista intercalada entre Joanna e Narjara, evidenciando a dualidade entre uma mulher de vinte e dois anos, e uma menina de doze.

Narjara começa falando que foi muito dificultoso começar sua carreira de atriz, comentando que ainda não sabia ler quando fez seu primeiro comercial, sendo sua mãe quem lia o roteiro para ela. Enquanto isso, Joanna comenta que já cantava desde seus quinze anos em clubes do subúrbio. Ela participou de um concurso em que cantou em inglês, concorrendo com um menino que cantava em francês. Narjara fala sobre como conseguiu seu papel em *Malu Mulher*, comenta que foi ao Rio de Janeiro para fazer a audição, e que entrou em euforia quando recebeu a ligação de que conseguiu – enfatiza que jamais deixará seu lado artístico de lado. Joanna relata que precisou cantar em ambientes noturnos com tão pouca idade, mas que não foi simples, porque ouvia comentários de que por isso tinha uma vida fácil, ela também fala que sentiu uma rejeição das pessoas para seus superiores. Intercalado, Narjara comenta a aceitação que recebeu de seus colegas na série, distanciando a sua experiência com a de Joanna. A próxima leva de relatos faz cortes bem rápidos quando contam sobre suas famílias, outra diferença discrepante. Joanna começa falando que seu pai é comerciante, de nacionalidade portuguesa, e sua mãe doméstica. Narjara fala que ia com sua mãe fazer feira enquanto seu pai dormia. Joanna diz que seu pai trabalha por perto de onde as gravações do programa se deram. Narjara, em tom seco e direto, fala: “morreu”. Joanna fala sobre seus irmãos, um baterista, outra professora, outro mecânico. Narjara detalha o ocorrido, dizendo que seu pai morreu em um acidente de carro, em dois de outubro de 1977, e, ainda, comenta que sente muita falta dele, comenta que não há nada como ter um pai e uma mãe, por fim relata ser filha única, confessando que assim é melhor, porque tem todo o amor dos pais para si. A disposição da entrevista das duas evidencia as diferenças visíveis entre elas: uma com muitos irmãos, outra filha única; uma é aceita rapidamente em seu ambiente de trabalho, outra enfrenta dificuldades em ser acolhida. Narjara, por fim, revela seu desejo de ser cantora, e, então, parte para uma performance conjunta com o Quarteto em Cy.

As cinco cantam “[Feminina](#)”, uma canção sobre a liberdade, o ensinamento, da feminilidade. A ambientação é em uma sala de estudos, um escritório, e, dessa forma, elas andam pelo cenário, elas aproveitam o espaço enquanto riem e se divertem. Narjara comenta que não canta bem, ao contrário do quarteto, porque elas são afinadíssimas, com muito treino vocal, muita dedicação. Ao final, as irmãs rodeiam Narjara e sorriem entre si.

Regina traz os temas: mulher, negra e pobre. Zezé parte para falar de suas experiências e situações em que sofreu racismo. Diz que, ao começar a estudar atuação, disseram para ela que não sabiam que precisava estudar para interpretar empregada. Diz que se sente confortável em ficar nua, ser liberta. Diz que seu pai disse para ela seguir o caminho da música. Ela, após começar a estudar sobre a herança de seus antepassados e a crescente curiosidade sobre o continente africano, chegou em conclusões de que não fora ensinado dessa forma durante sua formação no colégio interno em que estudava. Ela diz que seu príncipe encantado era negro, ela o imaginava desse jeito. Sua relação com a nudez era bastante limitada, justamente por revelar ter estudado em colégio interno, e, ao sair dele, a primeira coisa que fez foi ficar nua nos palcos do teatro. Sua relação com seu pai era muito próxima, muito encorajadora pelas duas partes, porque ele dizia que quando fizesse sucesso com a música, ele a levaria para esse caminho também, mas quando o estrelato no teatro atingiu Zezé, e agora dizia brincando que era ela quem o levaria para o caminho da música. Diz – entre lágrimas – que quando recebeu seu primeiro prêmio, ao voltar para casa, seu pai – aquele que sempre apoiou sua carreira – havia falecido, e isso afetou profundamente a sua mente.

Zezé Motta parte para interpretar “[Pecado original](#)” em um vestido que começa rosa e, em degradê, termina em verde; o cenário, também. Ela está sozinha no palco; não se mexe. A potência de sua voz carrega toda a performance, e, por isso, – mesmo estática ao centro do palco – o ouvinte fica vidrado na mensagem que ela tem para passar, ela hipnotiza.

Regina Duarte agora pede o nome de um país: Rita e Gal, Estados Unidos; Narjara, Inglaterra; Fafá, Itália; Elis, Japão; Bethânia, Joanna, Marina, e Simone, Brasil, e Zezé, Angola.

Voltando para a dinâmica do programa, Regina introduz Marina Lima; ela evidencia que ela está começando e que já tem visões e opiniões fortes sobre muitos temas. Não é dito no especial, mas o principal compositor de Marina é seu irmão Antonio Cícero, que – em 2024 – optou por ter uma morte induzida, na Suíça, devido ao seu quadro avançado de Alzheimer. A cantora fala bastante rápido e é certa quando diz que gosta de roupas apertadas, que tem um corpo bonito – e sabe que tem –, que gosta de dançar. Ela diz que ela é ela, que ela é Marina. Aos ouvidos alheios a sua atitude pode ser confundida com arrogância, por conta de sua personalidade ríspida. Partindo para sua performance de, em piano e voz, “[Não há](#)

[cabeça](#)”, ela está vestida de preto e estrelas, penteado preso, lábios vermelhos, num fundo azul. Ao piano está a compositora da canção, Angela Rô-Rô. Há momentos suaves, e há momentos fortes, esses ditos momentos prendem a atenção do espectador, eles emulam um sentimento de incompletude e, ao mesmo tempo, de calma. O instrumental da canção ecoa pelo final da apresentação enquanto Angela e Marina usam expressões melancólicas em seus rostos.

A performance acaba e – ainda em um fade-out da música anterior – parte para Maria Bethânia. Antes de cantar, conversa – parece que com a câmera – sobre sua vida nos palcos, ela confessa que sabia que estava destinada para a carreira musical, para uma vida hollywoodiana, diz que sua falta de vergonha e medo dos palcos, se dá por que lá de cima os seus temores param de existir. Ela diz que deve ser difícil conviver com ela e sua personalidade – mas que seu convívio consigo mesma é tranquilo e sereno –, porque diz ser muito ciumenta com seus pertences e relacionamentos, diz que antes de toda interpretação ela reza, ela reza para os seus santos, ela diz que eles a guiam. Parte para cantar “[Álbi](#)” de forma fluida.

Regina fala de Rita – não sendo uma só, sendo várias – com determinação, diz que seu som é cosmopolita e caipira ao mesmo tempo, e, ainda, conta que Caetano disse que Rita Lee é a mais pura tradução de São Paulo. Rita de óculos de sol e seu clássico cabelo bem ruivo parte para falar um pouco de sua juventude “perdida”, seus sonhos e ambições, ela faz os entrevistadores rirem bastante. Faz algumas imitações debochando da classe média-alta paulista, sobre fumar maconha, prestar vestibular, sobre essas realidades comuns – e disruptivas – da classe. Revela, mais ainda, seu amor por Roberto. Ela diz que não sabe o porquê de nunca ser chamada de MPB, e todos da sala riem demasiado. Interpreta “[Mania de você](#)” em estúdio com violão em mãos violão, acompanhada de alguns instrumentistas. A simplicidade de sua performance convida o ouvinte a sentar no chão para contemplar o canto de Rita. A câmera foca em seu rosto, e depois passa a focar de outros ângulos como que se escondendo de Rita. Ao final, a cantora se perde no dedilhar do piano e fecha os olhos até que a tela gradativamente fique preta.

Regina pergunta para cada uma das personagens do especial uma cor: Bethânia, Joanna e Narjara, azul; Zezé, amarelo; Elis, violeta; Fafá, Simone e Gal, branco; Rita, lilás, e Marina, preto.

Elis fala sobre como é ótima em disfarçar – comprovando quando fala na entrevista mencionada –, em como enfrentou as críticas, sua pouca idade, sobre

homens, sobre sua mãe – sobre como ela queria que sua mãe sorrisse mais – e como queria que ela tivesse tantas coisas legais, mesmo não sabendo o que é o legal, de fato. Ela diz ser muito insegura, e que deu alta para a própria terapeuta por conta de não conseguir lidar de forma saudável com suas próprias questões pessoais. Acha que já está tudo cristalizado em seu ser, brinca que fez muitos shows, muitos discos e muitos filhos. Ela faz um comentário muito forte – pode se dizer polêmico – dizendo que nem fazer filho é mais importante do que cantar. Há barulhos de buzinas ao fundo. Diz que ao cantar ela consegue soltar os demônios, e, então, parte para interpretar a última performance individual. Elis Regina canta “[O Bêbado e a equilibrista](#)” a plenos pulmões. Vestida de vestido rosa com bolinhas brancas, e flor na cabeça, ela demonstra muitos trejeitos com os braços e mãos, isso enquanto sua voz altamente treinada e potente, às vezes ríspida – mas que sai de si tão facilmente –, ecoa pelo teatro em que interpreta a canção.

Regina parte para o pedido final, importante e simples. Um amor: Zezé, Marcos Paulo; Fafá, Raul e o filho que está vindo; Joanna, o mais recente; Bethânia, um que está na cabeça e no coração; Narjara, sua profissão; Marina, seu irmão; Simone, a natureza; Gal, seu show; Rita, seu filho Beto. Regina fala, perto do encerramento do especial, que se fosse para procurar um elemento em comum com todas essas personalidades que enriqueceram o *Mulher 80*, o amor seria o traço de união. Nas palavras de Regina, independente dos estilos, das maneiras de ser, de suas sexualidades, de suas visões políticas, diferenças de idade, cor e religião, antes de tudo elas são mulheres. São artistas. São profissionalizadas em representar. Têm vozes únicas e irrepetíveis.

Todas correm do fundo escuro do palco para a frente dele e entoam “[Cantoras de rádio](#)”. O especial vai gradativamente terminando com todas dançando e cantando, interagindo entre si, sorrindo, se abraçando. Enquanto todas estão em cima do palco a edição faz recortes do que fora mostrado durante o especial. Há formação de um trio – Joanna, Zezé e Marina – e duas duplas: Rita e Fafá, e Gal e Bethânia, respectivamente. Elas brevemente cantam juntas, para, então, Regina se pôr à frente de todas e agradecer por elas estarem juntas, e agradece por serem artistas. Um fade-out muito bonito do uníssono dessas artistas preenche os créditos e, assim, encerra-se o especial.

5. A ARTISTA AO VIVO E EM CORES

Os antecedentes de cada uma das mulheres que compõem o especial às vezes traçam paralelos entre si, às vezes destoam completamente. Dou luz para as suas vivências pessoais, suas discografias e estéticas, e suas jornadas para o estrelato, enquanto teço comentários sobre suas trajetórias, começando por Simone – seguirei, novamente, a mesma ordem das performances do especial.

Nascida na Bahia – no natal de 1949 –, mais precisamente na capital Salvador, Simone Bittencourt de Oliveira se criou rodeada de música, rodeada de instrumentos musicais, e também rodeada de seus seis irmãos. O ambiente virtuoso de sua casa fez com que nutrisse desde cedo um relacionamento com essa arte, que se consolidou ao longo de sua carreira. Além disso, seu pai ouvia e cantava ópera, e sua mãe tocava piano e violão, o que também influenciou e expandiu sua curiosidade pela música. Não somente de música vivia Simone, o seu interesse por esportes – se formou em 1971 em Educação Física, inclusive – fez com que uma janela de oportunidade abrisse para que alcançasse o estrelato, porque ao entrar na seleção de basquete Brasileira – anteriormente estava na Bahiana –, tocava violão durante as viagens para campeonatos, e, então, teve sua professora de violão apresentada pelas suas colegas de time. A partir dessa abertura conheceu grandes nomes de importantes gravadoras da época, e, assim, lançou seu primeiro álbum “Simone”, em março de 1973, com a condição de cantar apenas as músicas que verdadeiramente gostasse. Avançando paulatinamente em direção ao status de celebridade – sem deixar de lado sua criação rodeada pela família e pela música, e a sua inspiração pelos seus pais –, Simone passou a gravar álbuns em um maior ritmo, e se apresentar frequentemente, seja em palcos, seja em estúdios de televisão.

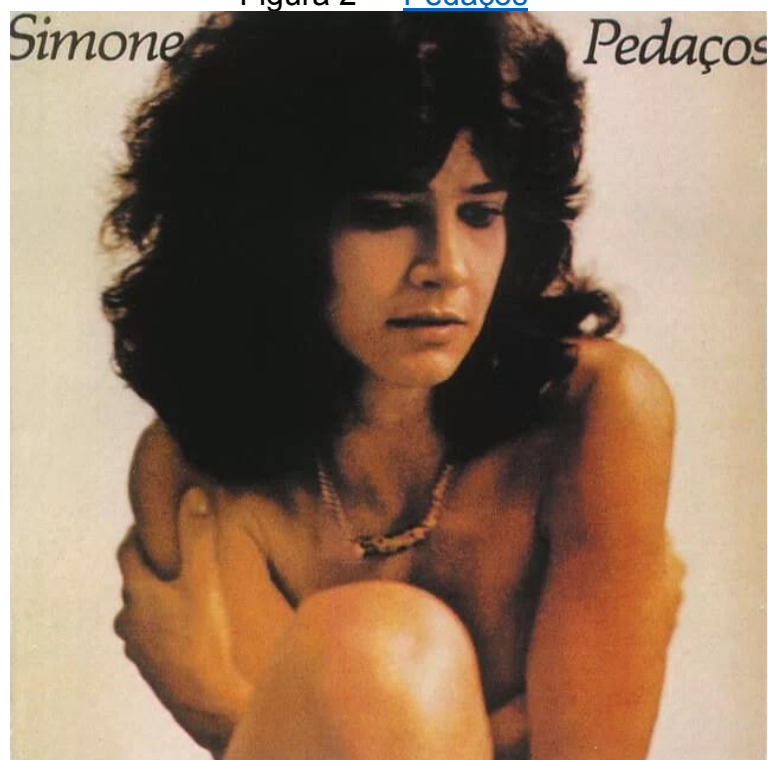
Simone tem – também em suas performances – uma aura serena, e igualmente poderosa, nas estéticas que representam sua persona, seja para os palcos, seja para as capas e recheios de seus muitos discos, esses com toques intimidadores: por vezes olhares fitados para a câmera – “Copos D’Água” (Figura 1), de 1975 –, em outras sua linguagem corporal marcante – “Pedaços” (Figura 2), de 1979 –, e, ao mesmo tempo – mas nem sempre –, trajada com roupas leves, femininas – “Sedução” (Figura 3), de 1998. A dualidade da sutileza de sua voz comparada com a expressão que o seu corpo evidencia amarram os conceitos da artista.

Figura 1 – “Sedução”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 2 – “Pedaços”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 3 – “[Gotas D'Água](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Maria da Graça Penna Burgos Costa foi concebida e criada em Salvador. Sua mãe – Mariah Costa Penna – foi sua primeira incentivadora, porque colocava música clássica para tocar enquanto ela estava grávida de Gal, tendo para si que teria uma filha musical. Passados os anos, Gal entrava cada vez mais fundo nos mares da música, seja pela sua paixão desde cedo pela bossa nova, seja por ter trabalhado em uma loja de discos, e, por isso, ter criado contato com pessoas influentes dessa indústria. Quando conheceu Caetano e Gil ainda estava se encontrando como artista, então eles se ajudaram a alcançar um almejado futuro de sucesso artístico.

A aura de Gal Costa, construída no imaginário popular brasileiro, se dá pela sua presença de palco inquietante, como se comandasse um veleiro por conta própria, alçasse vela com rumo ao desconhecido e intrigante, causando uma grande comoção para quem presencia sua entrega artística em cima dos palcos. Esse fulgor transparece nas capas de seus álbuns, como no disco “Gal A Todo Vapor” (Figura 4), de 1971, em que apenas os seus lábios estão em evidência e em uma cor extremamente saturada, a cor vermelha, essa sendo muito presente nas estéticas da cantora; sobreposta a eles a palavra “fatal” – ela separada silabicamente –, por exemplo. Não por causa disso que o seu lado suave é deixado de lado, como mostra a capa de “Cantar” (Figura 5), de 1974, já que nele a cantora posa serena olhando

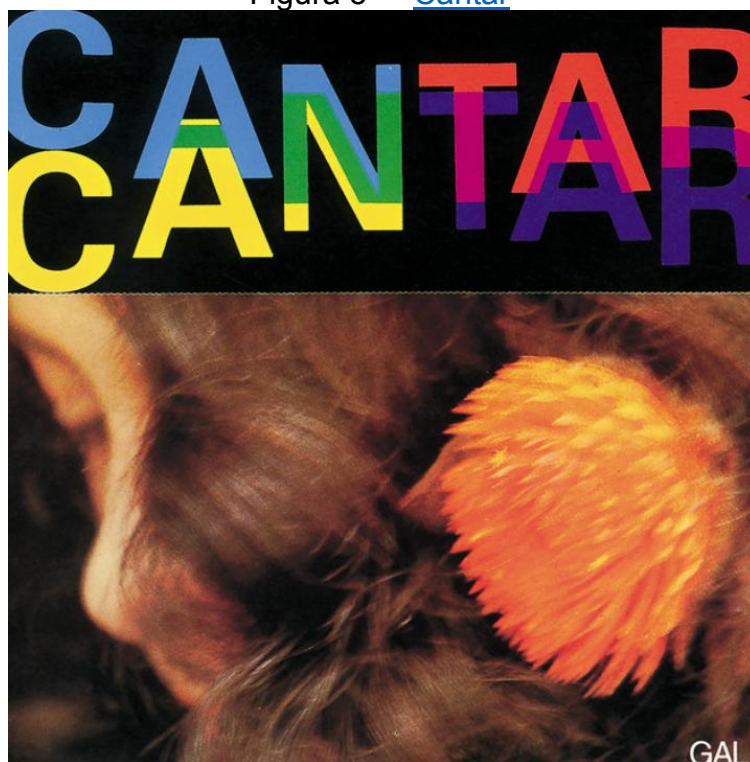
para baixo, com os seus cabelos cobrindo a maior parte do disco e uma rosa adornada neles, detalhes simples, mas que fazem a mente construir a sonoridade do álbum antes de sequer ouvi-lo. Gal também experimenta capas vibrantes, dramáticas, capas em que o público se indaga para saber o que irá ouvir quando colocar o projeto para tocar, como é o caso da de “Profana” (Figura 6), de 1984, em que sua pele pálida faz contraste imediato com seu batom escrachadamente vermelho, e usando uma expressão facial de determinação.

Para entender Gal é necessário se deixar conduzir por sua voz, focar apenas nela, ignorar o exterior e permitir com que o canto dela submerja seus sentidos em um despertar de ideias, uma indagação, um conceito. A inerente habilidade vocal de Gal Costa jamais poderá ser reproduzida naturalmente, um presente – agora – em memória, um presente gravado em milhões de discos estacionados pelo mundo, colecionados e amados, e nunca esquecido.

Figura 4 – “[A Todo Vapor](#)”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 5 – “[Cantar](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Figura 6 – “[Profana](#)”

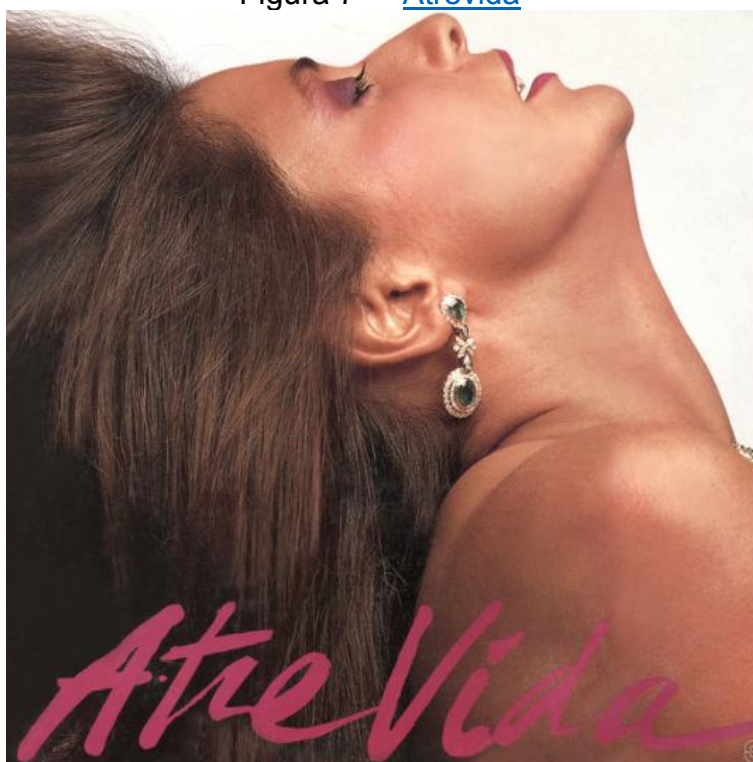
Fonte: Spotify (2025)

Maria de Fátima Palha de Figueiredo – ou simplesmente Fafá de Belém – nasceu, como seu nome artístico deixa explícito, em Belém, no ano de 1956. Vem de

uma família abastada e de origem portuguesa, seu pai advogado e sua mãe dona de casa; Fafá tem dois irmãos. Seus parentes comentavam sobre a sua voz desde pequena, porque ela cantava sempre que podia, e esse fora um dos antecedentes para que começasse a se interessar mais ainda pelos terrenos musicais. A estrela estava começando a nascer.

Avançados os anos, Fafá enriqueceu o seu repertório experimentando os mais variados gêneros musicais: bolero, samba-canção, sertanejo, romântico, etc. Consequência disso se deu nas vendas bem sucedidas de seus álbuns, principalmente na década de 1980 – considerada o auge de sua carreira – e, posteriormente, na de 1990. O lançamento do álbum “Atrevida” (Figura 7), de 1986, fez com que ela atingisse níveis grandiosos de reconhecimento, saindo do nicho em que estava, e se lançando ao Brasil. A música carro-chefe do disco, “Memórias” – composta por Leonardo Sullivan, parceiro musical de longa data da cantora –, teve êxito comercial durante meses, o que, então, impulsionou a agenda de shows da cantora, elevando a demanda da sua presença pelos estados do país.

Seus trejeitos em cima dos palcos se assemelham ao ritmo agitado de uma avenida: rápidos e imprevisíveis; em outras palavras, Fafá energiza a sua potência vocal com o frequente movimento de seu corpo, sentindo cada nota dos instrumentais que a acompanham, ou cada nota de emoção daqueles em sua presença, entretanto a maioria das capas de seus discos evidenciam um rosto sereno, contemplativo – “Crença” (Figura 8), de 1980, e “Sozinha” (Figura 9), de 1988 –. Em outra nota, ela deixa seus posicionamentos claros, e os defende ferrenhamente, como fez durante o Diretas Já, por exemplo, usando o seu status de artista musical para se opor à ditadura vigente. Assim, cantou a música “Menestrel das Alagoas” para uma multidão de protestantes, e, ao final, soltou de suas mãos uma pomba branca, simbolizando seu anseio pela democracia.

Figura 7 – “[Atrevida](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Figura 8 – “[Crença](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Figura 9 – “[Sozinha](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Joanna – Maria de Fátima Gomes Nogueira – nasceu no Méier, Rio de Janeiro, em um lar musical – como a maioria das componentes do *Mulher 80* –, e por ter um pai violinista e uma mãe que flertava com o canto, Joanna foi diretamente direcionada para esse trajeto. Seu irmão dizia-lhe que a sua jornada seria promissora se continuasse a tocar e cantar, e, assim, ela o fez.

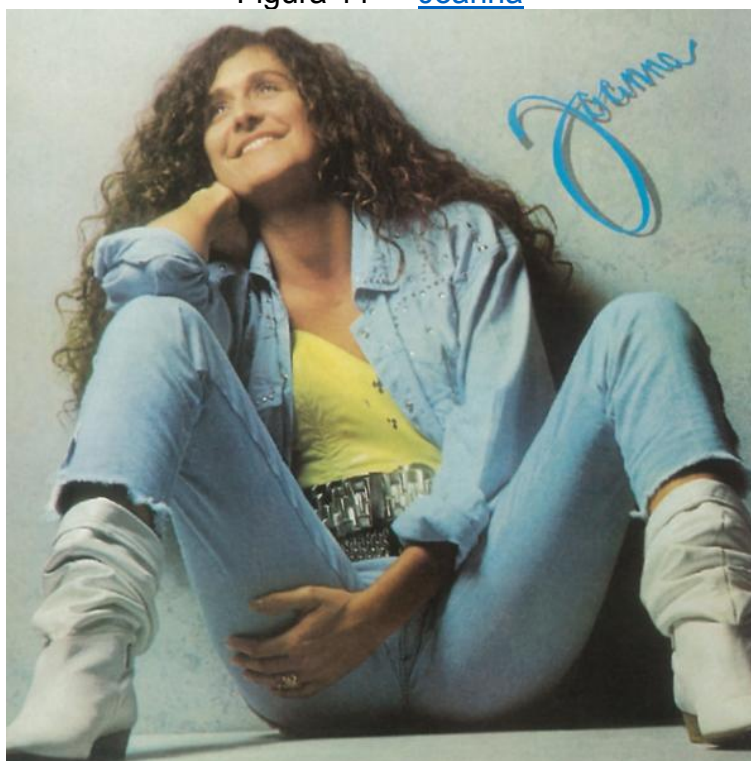
Partindo para os conceitos que transmitia em seus discos, Joanna lança “Nascente” (Figura 10), em 1979 – seu primeiro álbum –, a capa apresenta a cantora fitando a câmera em meio aos seus volumosos cabelos, aparentando seriedade em sua expressão. Ao longo da carreira, as suas capas se assemelhavam bastante entre si: enfoque no rosto, olhar despojado para a câmera, às vezes de corpo inteiro – “Joanna” (Figura 11), de 1986 –, e sempre com seu nome na mesma tipografia (Figura 12), criando uma forte identidade visual, adicionado ao nome artístico facilmente identificável. Combinando com seus álbuns materializados, Joanna – em cima dos palcos – se porta de forma singela e sorridente, se movimenta de um lado para o outro, mas não com a mesma energia e vestimentas de Gal, por exemplo. Ela performa de sua maneira, e o que mais importa durante o ato é a sua voz única, reconhecível e limpa.

Figura 10 – “[Nascente](#)”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 11 – “[Joanna](#)”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 12 – “Tipografias”



Fonte: Spotify (2025)

O grupo Quarteto em Cy – composto pelas irmãs Cybele, Cylene, Cynara e Cyva – foi concebido de maneira natural, justamente por conta de as integrantes terem proximidade diária desde nascidas; nascidas, inclusive, na Bahia, bem como boa parte das integrantes do especial. Assim, o quarteto teve seu início profissional na década de 1960, período em que se mudaram para o Rio de Janeiro; lá conheceram Vinícios de Moraes e Carlos Lyra – eles quem deram o nome do grupo, inclusive. Durante a década em que iniciaram suas carreiras, viajaram por países para performarem, ganhando o apelido de The Girls From Bahia.

O modo como se apresentavam consistia em – em grande parte – cantarem em um mesmo microfone, firmando o imaginário da união entre elas, seus laços como irmãs, mas principalmente como intérpretes. Ao lançarem o disco homônimo em 1964 (Figura 13), o grupo trilhava o que seria uma carreira bem sucedida, seja na recepção positiva dos ouvintes, seja nas oportunidades e contatos que vinham em sua direção.

A formação original não se manteve até o encerramento dos trabalhos, havendo outras integrantes que se juntaram ao grupo ao longo das décadas. O álbum “Som Definitivo” (Figura 14), de 1966, mostra as cantoras imortalizadas enquanto cantavam, naturalmente. Em oposição, a capa do álbum “Quarteto em Cy” (Figura 15), de 1972, captura o grupo de baixo para cima, enquanto elas olham para um lugar outro que não a lente da câmera, possivelmente olhando para outra câmera. Esse

último álbum fez um grandioso sucesso. Atualmente, da formação original, apenas Cylene está viva.

Figura 13 – “[Quarteto em Cy](#)”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 14 – “[Som Definitivo](#)”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 15 – “Quarteto em Cy”



Fonte: Spotify (2025)

Zezé Motta – Maria José Motta de Oliveira – nasceu em Campos de Goytacazes, Rio de Janeiro, em junho de 1944. A cantora viveu os primeiros anos de sua vida na cidade em que nasceu, porém logo se mudou para a capital do estado, junto de seu pai e mãe, músico e costureira, respectivamente, e de seu irmão. Os anos seguintes foram decisivos para o seu futuro profissional, tendo o seu pai, professor de violão, como grande influência – característica familiar compartilhada com boa parte das intérpretes aqui contempladas, ou seja, ter parentes musicais ao longo do crescimento. Zezé inicialmente focou no âmbito das artes cênicas em vez do musical, porém não demorou para que se aventurasse nesse último, também. Representante da luta no movimento de artistas negros, problematiza o direcionamento de papéis inferiores para atores e atrizes negros – empregados, subalternos – em vez de protagonismo dentro da obra em específico.

Ao performar em seus espetáculos, a cantora abre seu leque dramático, apresentando-se como quem atua em um filme, é bastante cinematográfico, bem como as capas de seus poucos discos – em comparação com as demais aqui apresentadas. O álbum “Zezé Motta” (Figura 16), de 1978, apresenta a cantora nua,

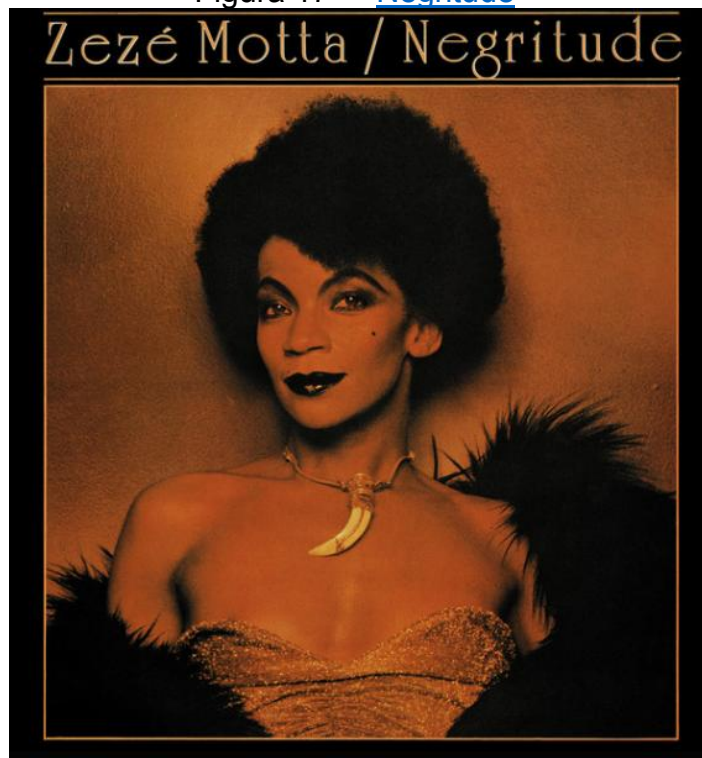
com uma maquiagem que favorece as nuances de seu rosto, sobrancelhas bem marcadas, enquanto seus braços estão adornados com acessórios de ouro; sua expressão é de quem está pensativo. No ano seguinte, em 1979, o álbum “Negritude” (Figura 17) é lançado, e é perceptível que há a mesma paleta de cores e o mesmo tipo de maquiagem e sobrancelhas definidas que o álbum anteriormente mencionado, mudando a sua expressão facial, que, agora, exala sedução; veste plumas abaixo de seus ombros; em seu pescoço um colar em formato de osso, vidrando os olhos de quem avista o álbum.

Assim, o nome do álbum lançado em 1984, “Frágil Força” (Figura 18), traz a dualidade entre essas duas palavras, mas também continua na mesma paleta dos dois álbuns elencados, o diferencial é que agora vemos Zezé de corpo inteiro, e em movimento, usando salto alto e vestido, a expressão de seu rosto é indecifrável, por conta de sua mão e cabelos lhe cobrirem.

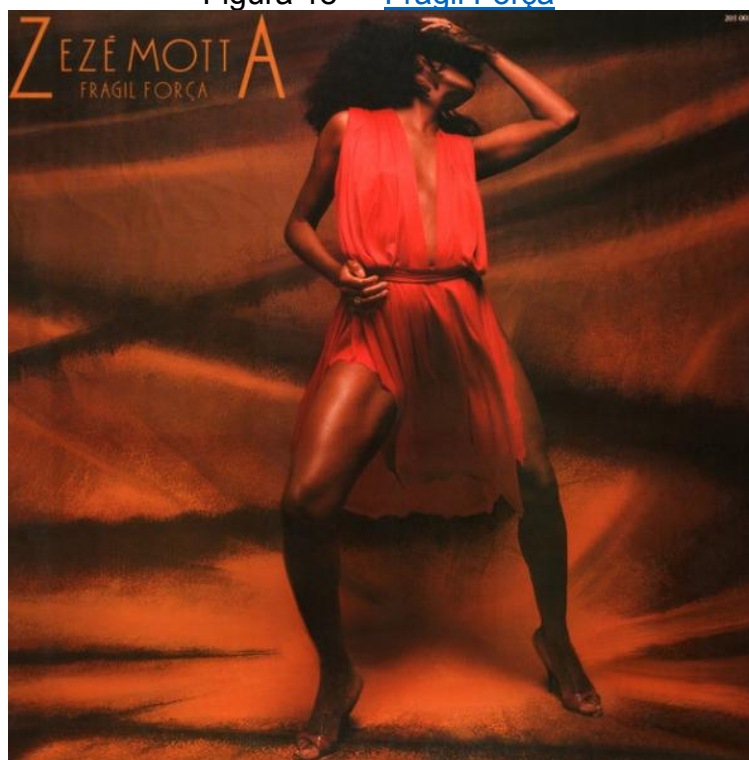
Figura 16 – “[Zezé Motta](#)”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 17 – “[Negritude](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Figura 18 – “[Frágil Força](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Marina – Correia – Lima, carioca, nasceu em setembro de 1955, e se mudou ainda criança para os Estados Unidos, por conta de seu pai economista. A cantora teve reconhecimento na década de 1980, mas começou a atuar na cena durante a década anterior, quando Gal Costa interpretou uma de suas canções, “Meu Doce Amor”. Ela tinha poucos anos de carreira quando participou do *Mulher 80*, por exemplo, estando equiparada aos demais já estabelecidos nomes presentes.

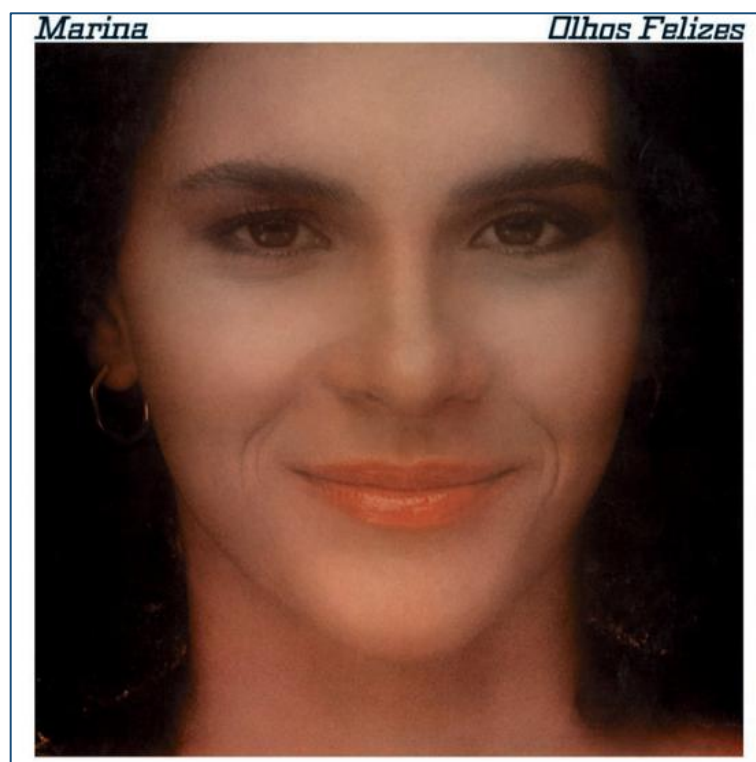
Os conceitos artísticos de Marina variam ao longo de sua carreira. Em seu primeiro disco, por exemplo – “Simples como Fogo” (Figura 16), de 1979 –, a cantora aparece imponente de corpo quase inteiro enquanto fita a câmera, trajada com um vestido preto decotado e maquiagem forte, porta-se com firmeza, pronuncia-se independente. Já em seu outro disco, “Olhos Felizes” (Figura 17), de 1980, Marina sorri de forma meiga com maquiagem leve e expressão tranquila. Para o projeto “Fullgás” (Figura 18), de 1984, Marina debuta cabelos curtos e característicos da década de 1980, sua feição séria combina com o movimento da foto; com um pouco mais de movimento seu rosto ficaria completamente borrado. Esse último álbum é um dos maiores sucessos e marcos de sua carreira, justamente pelo grande hit que a faixa homônima se tornou.

Figura 19 – “[Simples como Fogo](#)”



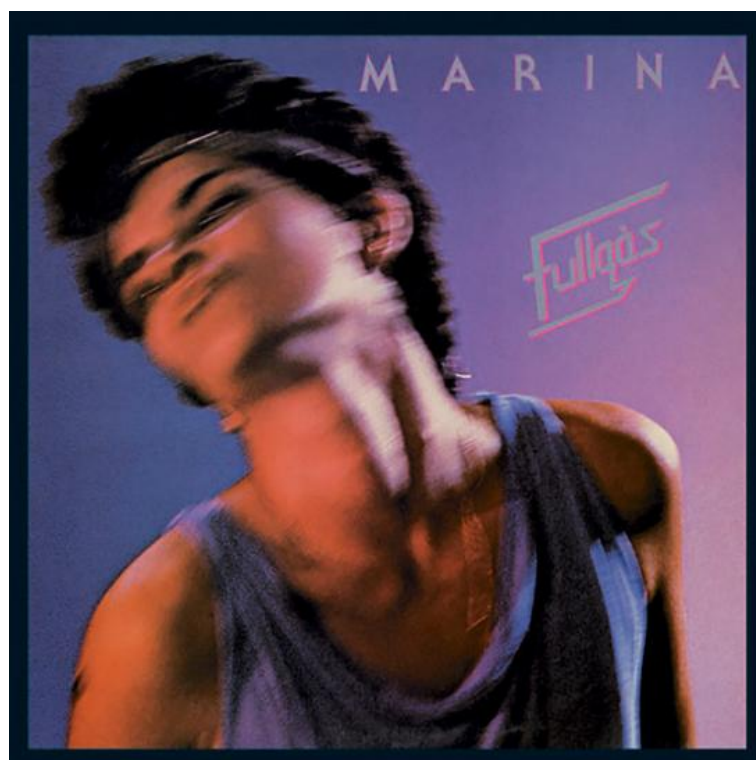
Fonte: Spotify (2025)

Figura 20 – “[Olhos Felizes](#)”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 21 – “[Fullgás](#)”

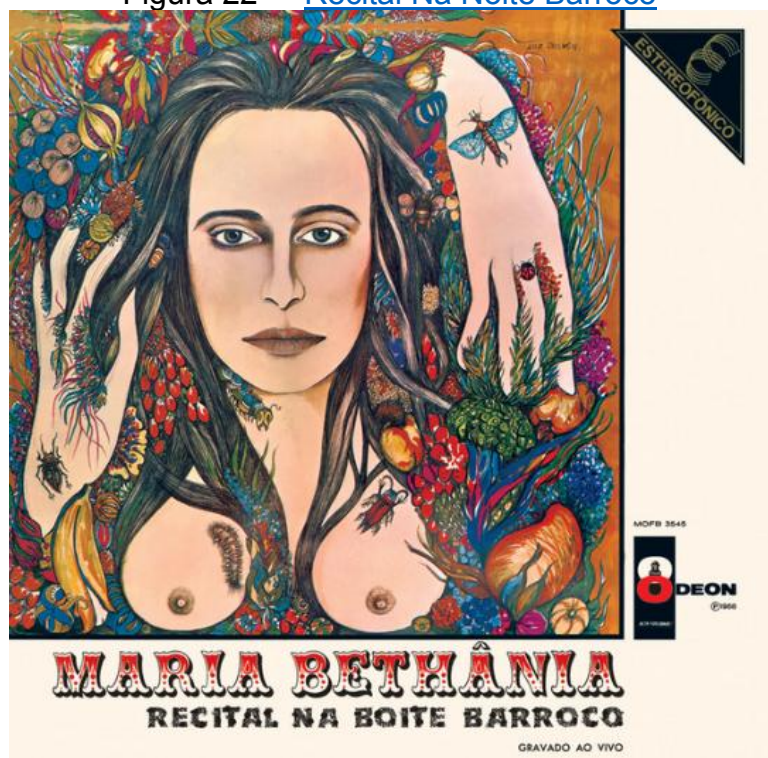


Fonte: Spotify (2025)

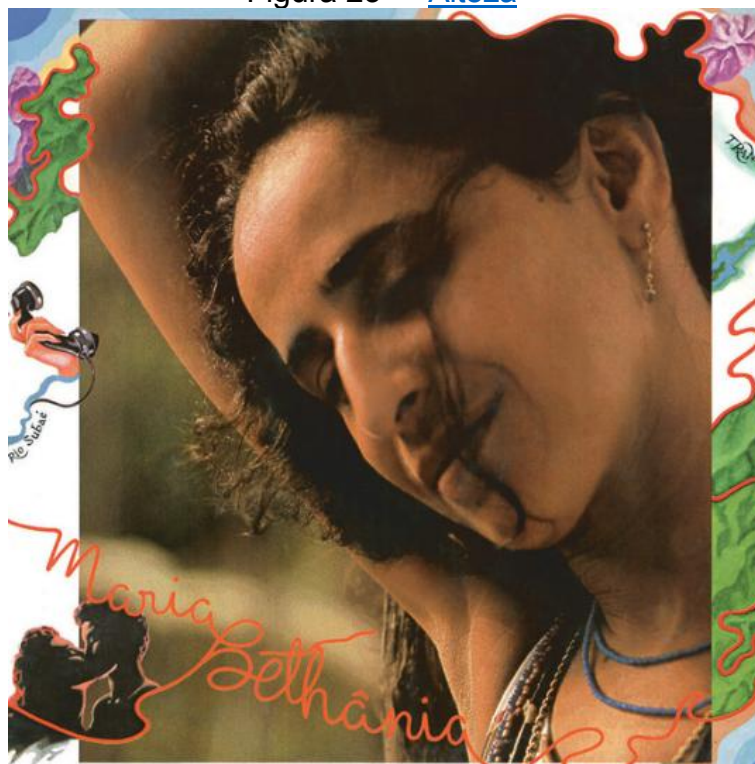
Maria Bethânia Viana Teles Veloso – criada em lar artístico – nasceu em meados de junho, em Santo Amaro, na Bahia – mesmo estado de nascimento de Simone. Por ter sido envolvida em música desde pequena, firmou na cabeça a ideia de cantar como elemento principal de sua vida. Seu irmão – Caetano – também compartilhou do mesmo pensamento, lançando discos solo e em conjunto.

O drama e encenação – em cima e fora dos palcos – são os principais componentes da estética da cantora, isso porque exala elementos de maximalismo – “Recital Na Noite Barroco” (Figura 22), de 1968 –, suavidade – “Alteza” (Figura 23), de 1981 –, e mistério – “A Tua Presença” (Figura 24), de 1971 –, quando se diz respeito à capa e encarte de seus álbuns, clipes musicais, e trejeitos em suas performances. Ela, ainda, por influência do irmão, ajudou a cimentar a Música Popular Brasileira como expressão de liberdade artística em meio ao Regime Militar, construindo uma identidade própria para si, quebrando a imagem errônea de ser uma mera sombra de seu irmão.

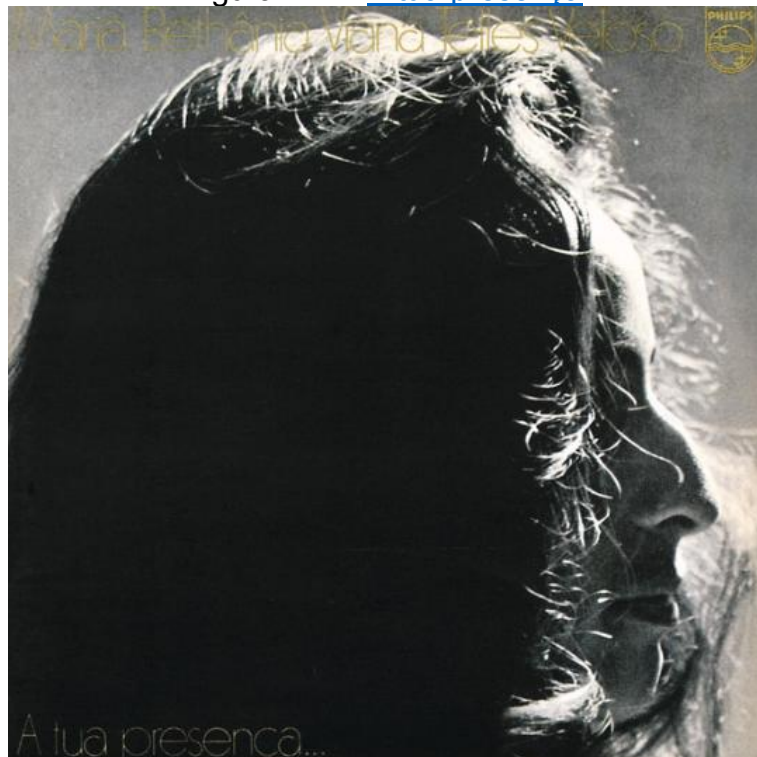
Figura 22 – “[Recital Na Noite Barroco](#)”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 23 – “[Alteza](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Figura 24 – “[A tua presença](#)”

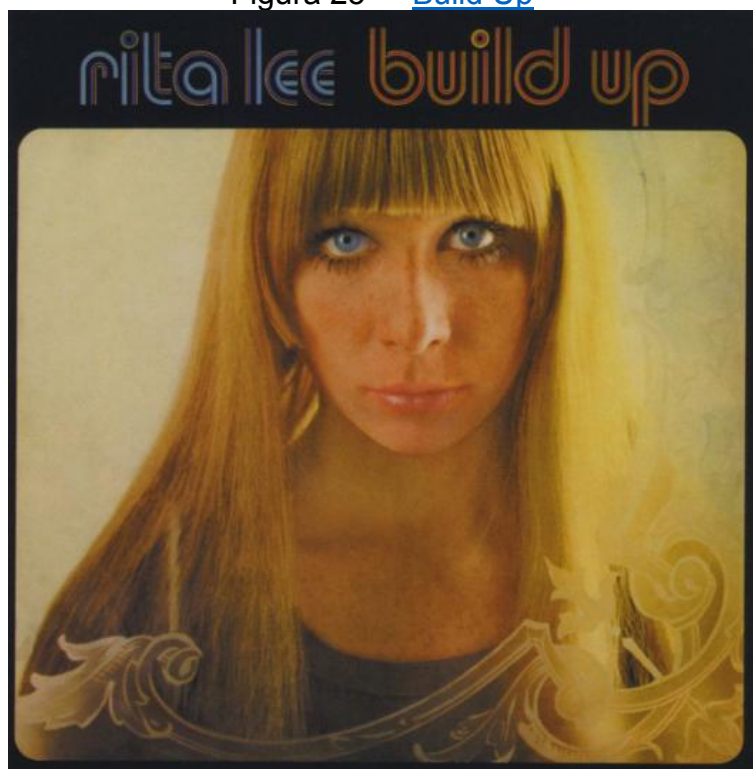
Fonte: Spotify (2025)

Rita Lee Jones de Carvalho, nascida em São Paulo, no último dia do ano de 1947, foi – ainda é – uma das mais reconhecidas e apreciadas cantoras brasileiras, de qualquer gênero ou movimento musicais. Tendo origens americana e italiana, Rita

cresceu em um ambiente cultural diverso, tendo acesso desde cedo ao que acontecia nas cenas do exterior, seja musical, seja literária, seja cinematográfica. Essas influências culminaram em sua maneira de agir em seus shows, no modo de gravar suas músicas, posar para suas capas, escrever suas letras. Além disso, voltando para sua infância, ela fora uma criança travessa, não se encaixando nos padrões impostos pelos colégios em que estudou, vivia como um *rockstar*, como ela enfatizava.

Apesar de ela mesma não se considerar uma cantora – no sentido de que não gosta de sua própria voz –, Rita revela que supre esse sentimento compondo suas canções e tocando seus instrumentos, ela diz que não almeja ter a bela voz de Elis Regina, por exemplo, mas que faz música de seu jeito peculiar. Iniciando sua carreira solo, Rita estampa a capa de seu primeiro disco – “Build Up” (Figura 25), de 1970 – com uma feição delicada, cabelo bem loiro e olhos acentuados com rímel. Seus trabalhos que seguem emolduram a sua personalidade controversa, agora com o clássico cabelo ruivo, exalando ambiguidade entre sereno e elétrico – seja no cenário despojado de “Fruto Proibido” (Figura 26), de 1975, seja no olhar perfurante – com uma pincelada de Marilyn Monroe – de “Babilônia” (Figura 27), de 1978.

Figura 25 – “Build Up”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 26 – “[Fruto Proibido](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Figura 27 – “[Babilônia](#)”

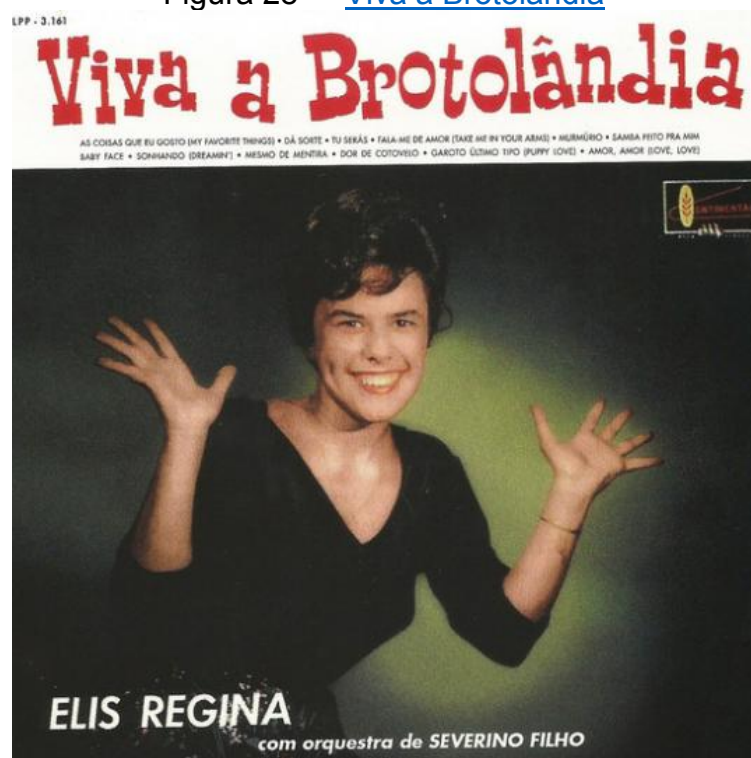
Fonte: Spotify (2025)

Elis Regina – Carvalho Costa – foi, até certo ponto, a voz artística mais influente no cenário musical brasileiro. Nascida em Porto Alegre, no ano de 1945 – Gal Costa, Cynara e Cylene, do Quarteto em Cy, são as únicas cantoras presentes

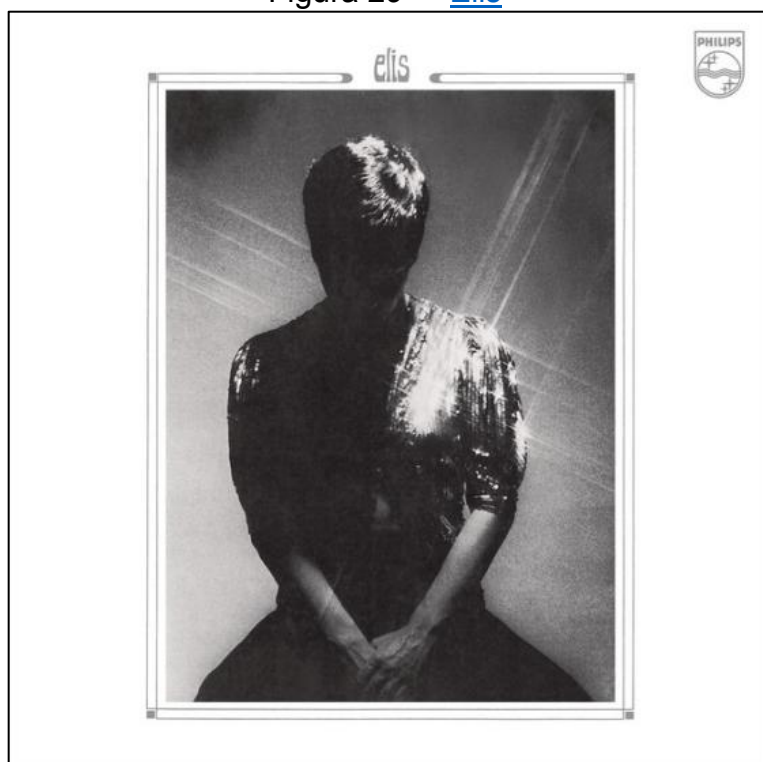
no *Mulher 80* a nascerem em um mesmo ano –, a artista é a única sulista dentre as cantoras presentes no especial. Começou sua carreira bastante cedo, aos 16 anos.

Considerada como uma das vozes mais bem treinadas da MPB – ao lado de Gal –, a estética artística de Elis inicia e termina de modos completamente distintos, seja em suas capas, seja em sua aparência. “Viva a Brotolândia” (Figura 28), de 1961, por exemplo, apresenta a cantora sorridente e espontânea, com um penteado alto, clássico da década de 1960. Avançada uma década, em 1973, é lançado o disco “Elis” (Figura 29); nele a cantora aparece enigmática – como muitos a consideram –, emana uma atmosfera pesada, lembra uma cena de filme de horror; não é possível ver seu rosto, sua expressão é inidentificável; parece retratar sua depressão, na época dita mal dos nervos. Destoa-se completamente do disco antes comentado. Particularmente é a minha capa favorita da artista. Por último, seu álbum mais controverso, em conjunto com Tom Jobim, “Elis & Tom” (Figura 30), de 1974, traz Elis sorridente novamente, apesar da turbulência vivida na concepção e produção do álbum, justamente pela divergência de ideias entre a pimentinha e o compositor. O impacto de “Águas de Março” ressoa até a contemporaneidade.

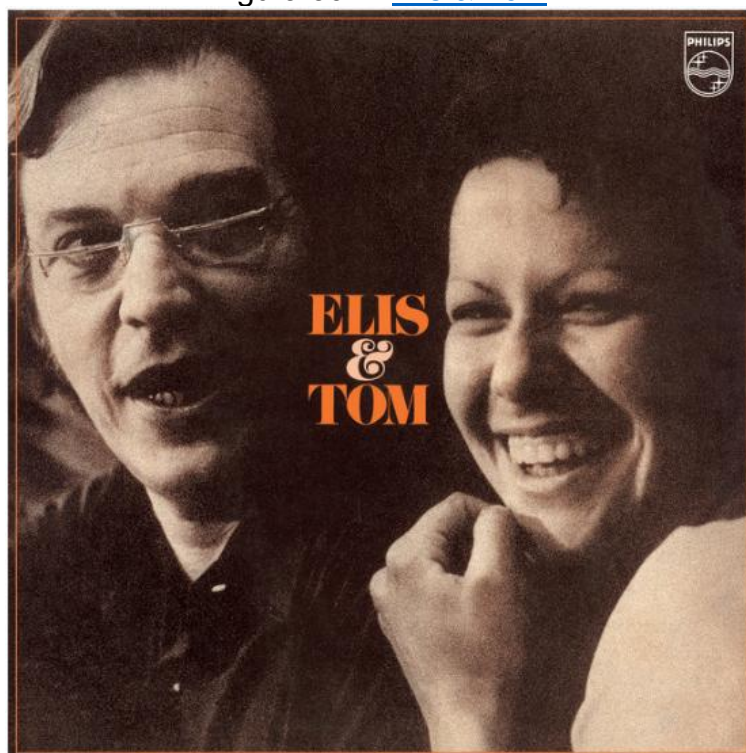
Figura 28 – “[Viva a Brotolândia](#)”



Fonte: Spotify (2025)

Figura 29 – “[Elis](#)”

Fonte: Spotify (2025)

Figura 30 – “[Elis & Tom](#)”

Fonte: Spotify (2025)

6. O PENSAR TEÓRICO

Não há como evidenciar as mulheres do *Mulher 80* sem me atentar a uma peculiaridade de nascença: a unicidade de suas vozes. Algumas com timbres ou alcances parecidos, mas nunca iguais, e sempre inconfundíveis.

Com a singularidade em mente, me atento a “Vozes plurais: filosofia da expressão vocal”, por Adriana Cavarero, e a ideia de que a voz é um dos elementos centrais na constituição de identidade, de comunicação, de sentimento, e de propósito. Ao longo da obra a voz é examinada como *phoné*. A dita *phoné* – nesse caso a humana – não é apenas uma emissão sonora, mas, sim, *semantiké*, ou seja, de subjetividade, de relacionamento. Ela é *semantiké*, justamente porque:

“A voz, de fato, não camufla; pelo contrário, desmascara a palavra que a quer mascarar. A palavra pode dizer tudo e o contrário de tudo. A voz, qualquer coisa que diga, antes de tudo, e sempre, uma só coisa: a unicidade de quem a emite.”
(CAVARERO, 2011. p. 40)

A filosofia sobre unicidade da voz abordada por Cavarero (2011) acaba, então, contrapondo-se ao ideal platônico que tem por crença a abstração – fomentada pelo discurso interno –, tendo maior importância do que a exteriorização da voz. Não é levado em consideração a voz pronunciada e sempre distinguível de cada indivíduo, excluindo, assim, a pluralidade, e a interação de um com o outro. Ainda, a autora tem por finalidade visibilizar a própria filosofia de que é preciso ouvir, antes de fazer interpretações com base no sentido da palavra.

Considerando que é preciso ter ciência da diferença das vozes entre si, é fundamental constatar que “mesmo reduzida a significante fônico, a voz parece ancorar o *logos* em um horizonte onde existem bocas e ouvidos, mais do que olhos e olhares” (CAVARERO, 2011. p. 58), em outras palavras, apesar de reconhecermos um indivíduo pelo seu rosto, é a audição quem faz com que consigamos distingui-lo de uma pessoa outra com maior precisão. Por exemplo, uma determinada cantora tem seu tom, seu timbre, seu alcance, ou seja, a sua voz, prensados em um disco, e o riscar da agulha em sua superfície revela essas características que faz a artista se destacar de todas as outras. A voz é única.

Faço, então, um paralelo entre o mundo fonográfico e o literário, em sentido de caminhar de um lado para o outro – e além –, a composição de uma música e a concepção de um poema, por exemplo. A voz, além de sua unicidade, vibra. No momento da interpretação – da performance – dessas obras, a particularidade da escrita é o elemento que destaca um autor dos demais, bem como a voz para quem fala. Há perigo de mimetização, mas, mesmo assim, será aos moldes do original. Então, “[...] na linguagem da crítica literária, ‘voz’ é hoje um termo técnico que indica a peculiaridade do estilo de um poeta ou, mais genericamente, de um autor.” (CAVARERO, 2011. p. 113).

As discografias das cantoras da MPB, em outro exemplo, se diferenciam ao longo de suas carreiras – individualmente e entre elas mesmas –, seja no tema de suas canções, seja nas vestimentas, seja nas estéticas que compõem os encartes. Muitas vezes as músicas funcionam como monólogos, ou seja, externam seus sentimentos em primeira pessoa, se apresentando ao outro, interpretando o texto com o sentimento de suas vozes. Tendo em mente o elencado, a voz é o sopro dos pulmões atrelado com as vivências de quem a possui, de quem fora concebido com ela. Ela é subjetiva; emotiva; intensa, e entende-se que “sem o prazer acústico, sem a relação de gozo entre bocas e ouvidos, a unicidade da voz corre risco de se transformar em categoria abstrata, descorporificada, manca.” (CAVARERO, 2011. p. 115). Sem a troca sonora entre um indivíduo e outro acaba por ocorrer um minimizar cultural, e, principalmente, interacional. Levando em consideração a ausência dos outros sentidos, o ouvir ainda assim consegue distinguir um ser de outro, e faz com que o que a autora tanto discorre pela sua obra seja evidenciado no especial *Mulher 80*. Cada uma das vozes presentes nele são únicas, aperfeiçoadas em treino vocal, em entonação, em artifícios musicais, e, por isso, faz-se necessário abordar cada uma delas nos parágrafos do capítulo que segue.

7. A VOZ

Falo de Simone primeiro porque é a primeira a cantar no especial – a clássica “Começar de novo”. Sua voz é como um mar que marola, para depois, então, ficar bravo: profunda e serena, com picos fortes e firmes. Impulsionada pelo seu sotaque baiano, ela alcança notas longas, essas sustentadas pela consistência e controle fonatório. Tanto se deve por crescer em um ambiente musical, seu pai cantor e sua mãe pianista. Arquitetando o modernismo do lírico de suas performances, ela idealiza o paisagismo da dita construção como um enorme jardim, ou seja, ao enunciar sua voz aos ouvidos de quem a observa, é inegável dizer que ocorra um certo rebuscar pelas próprias vivências, e, a partir dali, te faz entender o quão significativo pode ser uma técnica vocal bem trabalhada e cuidada, o quanto essa transmissão de arte consegue despertar o lado emotivo naquele a quem a audição – às vezes – serve como um instrumento automático, em vez de contemplativo.

Continuando o padrão com base na lista de faixas do disco do especial e falo de Gal Costa. Agraciada com uma das vozes mais carregadas de paixão e vontade de toda fonografia brasileira, Gal interpreta suas músicas com vivacidade, moldando-se ao que a performance pede, ao que seu interior busca transmitir para quem ouve, apenas de sua maneira introspectiva entre canções. Dos timbres, novamente, inconfundíveis, aos maneirismos autorais – agudos e graves, eles em conjunto com a, aparente, facilidade de emaná-los – enquanto faz dos palcos uma extensão de seu ser. A cantora, por vezes, entoa uma voz sedutora, enquanto move seu corpo com rapidez durante suas performances, valorizando, mesmo que de maneira despretensiosa, a espontaneidade da ternura de sua voz toca no fundo do coração, uma profundidade de ensinar o próprio ser a como entender suas emoções, explorando um existencialismo sereno.

Caminhando ao norte brasileiro, Fafá de Belém e a força de sua voz áspera – escura – faz dela uma artista em que quaisquer uma de suas interpretações sejam transmissoras de sentimentalismos mil. Seu catálogo transita de MPB – “Mania de te amar” – ao fado, ao carimbó, ao sertanejo; marcando, assim, a mutabilidade de sua voz – potente, forte, desbravadora – em relação aos gêneros que se propõe a explorar. Permite que sua voz seja suave, que seja rouca; não usando seu oxigênio em vão quando se liberta em suas performances, por isso, vale destacar a espiritualidade e devoção em suas crenças, sendo esse aspecto de sua vida o que, também, influencia

o fluxo em suas apresentações, o controle e emoção externados. Em um de seus maiores sucessos, “Abandonada”, Fafá utiliza cada um de seus fôlegos ao microfone – transitando entre graves e suaves –, fazendo jus ao estrelato angariado pela construção de sua carreira, cristalizando sua essência na potência da sua bem treinada voz, por exemplo. Ainda, a entonação dramática na gravação da dita música, de forma assertiva, mareja os olhos de quem ouve, ou pelo menos, daqueles que gostam desse tipo de canção.

Descendo ao sudeste, ao tão referenciado Rio de Janeiro, Joanna empresta sua voz – envolta em trilares – ao especial de uma forma em que desenrola tão comovente, ela se mistura com o piano, mas que não se prende exclusivamente nele, o que prende, quase que em totalidade, é a clareza de sua voz. Descrita como suave, deixando quem ouve vidrado, sua voz entra nos ouvidos e dança pelo sentido tão sensível, tão aguçado. O que intensifica suas performances é o seu sotaque carioca carregado, o que agrega um ar romântico aos seus cantos, um ar otimista. A sensibilidade de sua voz é uma de suas características mais acentuadas, e, ainda, combina com as outras interpretetes da trilha sonora da série, e também do programa. Assim, ouvir o álbum do começo ao fim, de uma só vez, elucida o porquê da escolha dessas intérpretes para integrarem o projeto – o que não justifica a ausência de outros grandes nomes que fazem da MPB um movimento tão importante.

Pluralizando a voz, o Quarteto em Cy abrange quatro vozes distintas. Agrupadas em um grupo de irmãs: Cybele, Cylene, Cynara e Cyva, elas alcançaram a notoriedade por conta de suas vozes únicas e harmoniosas entre si, extremamente bem sincronizadas. Destaca-se a voz mezzo-soprano do quarteto que, em conjunto, acalentam os ouvidos e sentidos de quem está presente em suas apresentações. Interpretando a música “Cantoria”, por exemplo, é como se houvesse apenas uma voz, organizadas em diversas camadas ajustadas na pós produção, na engenharia de som, porém, isso não acontece já que são as vozes das quatro mescladas juntas.

Os vocais de Zezé Motta ressoam em memórias ancestrais, eles trazem aspectos quentes e claros com toda a carga e com toda a força de uma grandiosa mezzo-soprano, se personificando em um balanço teatral, emotivo e corajoso. A cantora – atriz excelente – age em suas músicas como quem atua em um filme, ou seja, cria uma atmosfera condensada ao imaginário, não impõe limites no que diz respeito ao tom de sua voz – seja grande, seja pequena –, porque em uma mesma

canção consegue performar como se estivesse em um dueto, enunciando a proposital discrepância do poder de sua voz.

A cosmopolita Marina Lima se desenrola em uma trilha sonora urbana, movimentada, apesar de suave, sem muitas ornamentações; direta, suscinta. Sua voz releva uma textura um pouco arrastada, áspera, e, por isso, é como se cantasse atrás dos ouvidos de quem contempla, como se guiasse por um caminho pacato, por vezes dúbio, deixando o ouvinte em dúvida, para, ao final, presenteá-lo com segredos melódicos. Sedutora, mas discreta; refrescante, mas ardente. Parece balançar seu corpo enquanto canta, se distanciando da imagem clássica de uma cantora sentada em uma cadeira dentro de um estúdio, e o que forma na mente é justamente esse movimento corporal representado pela voz tão atirada, tão certa.

Maria Bethânia carrega em sua voz – escura e levemente rouca – a carga de toda uma geração de artistas, ela representa a vivacidade das épocas em que fez sua carreira. Por meio de seu instrumento ela emana elementos sagrados ao cantar, enriquecidos por sua crença, sua religião, seu modo característico de se apresentar pelos palcos em que faz suas cerimônias e rituais, em que declama suas músicas, doando-se o corpo e a alma. É como se sua voz fosse um pouco de argila prestes a ser moldada em forma de vaso, girando e girando na mente de quem ouve, traçando os dedos suavemente por entre as sensações desencadeadas por seu tão identificável contralto. Ao cantar “Seu corpo”, por exemplo, Bethânia desliza sua voz junto aos instrumentos que enfeitam a canção, bem como o eu-lírico pelo corpo de seu interesse romântico, e, em detalhe, ela canta pelo ponto de vista de um homem que louva uma mulher, externando uma mensagem subliminar pelo ar.

Ao célebre talento de Rita Lee, evidencio como ela personifica São Paulo enquanto entoa suas músicas, viajando entre tons sarcásticos, ácidos, e repletos de brincadeiras metafóricas. Ao fazer um comentário crítico é como se desse uma risada ao final, como se contornasse o assunto pós ironicamente, digo, ela tem algo a dizer por meio de uma brincadeira de menina grande, sendo rouca e suave, uma anti-heroína sempre disposta a performar em ambientes maximalistas, cheios de personalidade. Apesar de toda essa maneira crítica de cantar, suas canções de amor, ao lado de seu Roberto, levam os ouvidos ao seu tão minucioso lado romântico, ao seu lado de devoção ao homem com quem formou uma vida, com quem compunha suas músicas, e com quem fez dueto de coração e voz. A sonoridade de sua voz se desenvolve em suavidade, não tendo um alcance agressivo, assim, ela se mantém

clara em sua discografia, e em suas performances, mas, ao mesmo tempo, experimenta modular seu som conforme pede a interpretação seja nos palcos, seja nos estúdios.

Dentro de Elis Regina habitava uma artista atemporal, uma voz contemporânea emaranhada em um sofrimento profundo de uma mulher à frente de seu tempo, e disfarçada com a impecabilidade do controle sobre a dita voz. Avassaladora tanto em seus posicionamentos, tanto em sua voz ríspida; gritante, e metálica, resultando na sua tão marcante presença. Sua voz singular reflete a sua personalidade perfeccionista, difícil de ser lida, e completamente indomável, enunciando a dinâmica em que seus timbres e técnicas se encontram para que tracem caminho aos ouvidos de quem presta atenção, não somente para a música, mas para o canto, o tempo, e a disposição reservados pela cantora para entreter o público que tanto aclamava por presenciar sua arte.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O especial e o seu elenco feminino definiram a transição da década de 1970 para a de 1980, comprovando que as irrepetíveis vozes daquelas cantoras permanecem como tópico de conversa em interações contemporâneas. A influência das artistas – algumas com década de carreira, outras acabando de começar – está cravejada na Música Popular Brasileira, e o fato de terem sido reunidas em um mesmo projeto evidencia a visão de futuro dos produtores ao escolhe-las, apesar da falta de outros grandes nomes do gênero – é compreensível que não havia como juntar todas as grandes personalidades da época, seja pela agenda de cada uma, seja pelo limite de tempo, entretanto fazer alguma menção às vozes ausentes teria sido de bom tom, o que não ocorreu.

Ao longo do trabalho é perceptível como as diferenças entre essas cantoras, embora diversas, conseguem conceber algo em comum: a voz; o instrumento principal que ergueu e manteu as suas carreiras, estéticas, identidades – visuais e, claro, sonoras, ou seja, o que as une também é o que enormemente as difere. Bem como aponta Adriana Cavarero – elencada no capítulo 6 – ao escrever que a voz é a principal forma de diferenciarmos uma pessoa de outra. Assim, a vontade de entender mais a fundo o impacto que uma voz tem na vida de muitas outras se deu no que fora escrito nessas páginas, e ainda fomenta mais curiosidade acerca do assunto, acerca da originalidade e subjetividade vocal.

A importância da valorização cultural brasileira é primordial para que o pensamento crítico surja, porque é válido se colocar a pensar nos porquês de algumas intérpretes serem reclusas à nichos, descaracterizadas de suas origens em prol de uma visão generalizada, então, por isso, elucidei como cada uma delas têm sua própria atmosfera, mas que unidas são essenciais ao país.

Em suma, o que antes era apenas admiração e consumo pelo universo da música feminina nacional, tornou-se objeto de um Trabalho de Conclusão de Curso, tornou-se o elemento final de anos de estudo de um universitário.

REFERÊNCIAS

CAVARERO, Adriana. Vozes plurais: filosofia da expressão vocal. Tradução de Flávio Terrigno Barbeitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 312 p.

Calulinho. Fafá de Belém canta "Menestrel das Alagoas" – Diretas-Já 1984. YouTube, 19 de abril de 2009. Duração: 3:19. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DIIC_3X0p4k. Acesso em: 10 de março de 2025.

FERREIRA, Dandara; POLITI, Lô. O nome dela é Gal. Brasil: HBO, 2017. Série documental, episódio 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=36ljZVnnv8>. Acesso em: 28 março 2025.

FERREIRA, Dandara; POLITI, Lô. O nome dela é Gal. Brasil: HBO, 2017. Série documental, episódio 2. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XJCAI64T8_U. Acesso em: 28 março 2025.

FERREIRA, Dandara; POLITI, Lô. O nome dela é Gal. Brasil: HBO, 2017. Série documental, episódio 3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W7flPoXqBjg>. Acesso em: 28 março 2025.

FERREIRA, Dandara; POLITI, Lô. O nome dela é Gal. Brasil: HBO, 2017. Série documental, episódio 4. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h4cV7OoQdSc>. Acesso em: 28 março 2025.

GOLDBERG, Guido. *Rita Lee: Mania de Você*. Brasil: Mandariná Contendidos, 2025. Disponível em: <https://www.max.com/jm/en/movies/rita-lee-mania-de-voce/beeb98be-992e-4188-94f6-19dfd8b1b9a5>. Acesso em: 12 de maio de 2025.

LEDA NAGLE. JOANNA: 40 ANOS DE CARREIRA E A MESMA VOZ | LEDA NAGLE. YouTube, 8 de maio de 2020. Duração: 50:04. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aEWMSYiSckU>. Acesso em: 25 de abril de 2025.

LISA, LEVE E SOLTA. Joanna! 40 anos de carreira e uma trajetória de sucesso. YouTube, 2 de maio de 2020. Duração: 1:16:34. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=02fzVHq9S-w>. Acesso em: 5 de abril de 2025.

MARRA COMUNICAÇÃO. Biografia de Fafá de Belém. Disponível em: <https://marracomunica.com.br/biografia-de-fafa-de-belem/>. Acesso em: 9 maio de 2025.

MAYRINK, Geraldo. Elis, quase confidencial. *Geraldo Mayrink*. Disponível em: <https://geraldomayrink.com.br/entrevista/elis-quase-confidencial/>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2025.

MAYRINK, Geraldo. Rita Lee, entrevista. Geraldo Mayrink, 1981. Disponível em: <https://geraldomayrink.com.br/entrevista/rita-lee-entrevista/>. Acesso em: 7 de março de 2025.

PABLO. ELIS REGINA – ÚLTIMA ENTREVISTA – JOGO DA VERDADE. YouTube, 16 de maio de 2012. Duração: 49:11. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YnAyyho01PM>. Acesso em: 17 de maio de 2025.

Roda Viva. Fafá de Belém - 10/08/2015. YouTube, 10 de agosto de 2015. Duração: 1:22:17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FnQ0WSFA-ew>. Acesso em: 17 de maio de 2025.

SALLES, Candé. Uma garota chamada Marina. Brasil: Canal Brasil, 2021. Filme/documentário. 114 min. Disponível em: Prime Video. Acesso em: 25/03/2025.

Simone Bittencourt de Oliveira. Biografia. Disponível em: <https://simone.art.br/biografia/>. Acesso em: 9 maio 2025.

TRIBUTO – Zezé Motta. Direção: Matheus Malafaia. Redação: Isadora Wilkinson e Lalo Homrich. Local: Globo Comunicação e Participações S.A., 2024. 1 vídeo (75 min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11924467/>. Acesso em: 29 de março 2025.

TV Brasil. Sem Censura homenageia Maria Bethânia. YouTube, 03 de abril de 2019. Duração: 50:07. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v= NXY66lpON0>. Acesso em: 28 de março de 2025.

TV UNIVERCIDADE. Quarteto em Cy | Vida Vivida. YouTube, 10 de fevereiro de 2022. Duração: 24:32. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7O6RSSRo2oc>. Acesso em: 12 de maio de 2025.